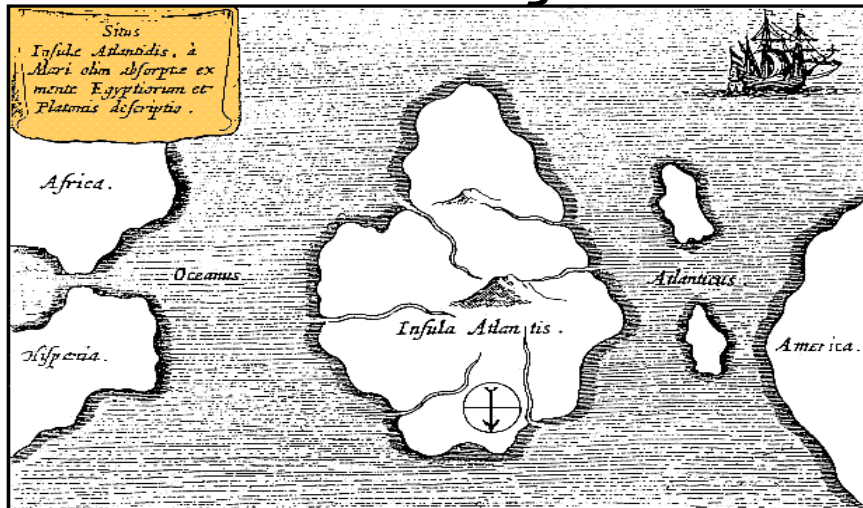


CADERNOS AÇORIANOS



Suplemento 1 MAIO 2010

DEDICADO A CRISTÓVÃO DE AGUIAR

Todas as edições estão em linha em

<http://www.lusofonias.net/estudos%20e%20cadernos%20açorianos/index.htm>

Editor **Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello)

Coordenadoras **Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos**

Os colóquios da lusofonia seguem a nova ortografia desde FEV.º 2009

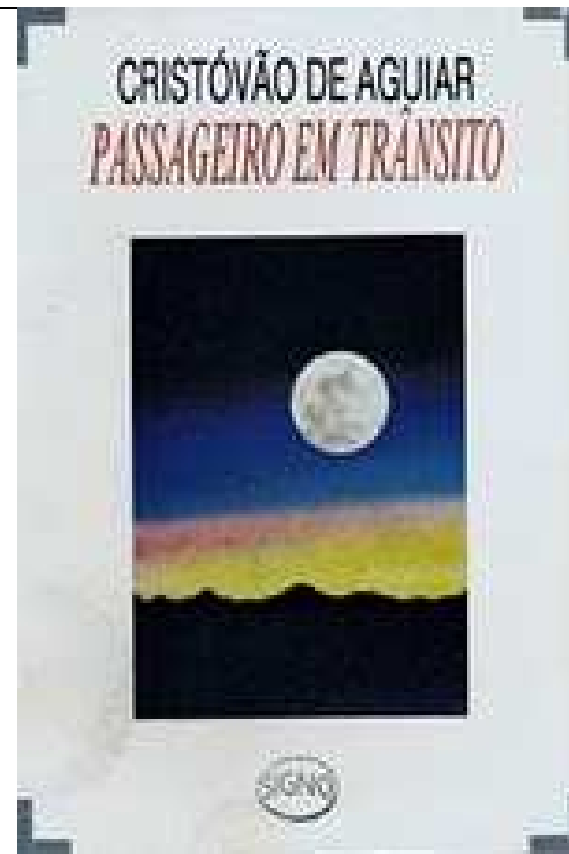


Editado por

©TM®

Aqui se transcrevem textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia ou pelos seus participantes.

Apresentação crítica de *Passageiro em trânsito*, de Cristóvão de Aguiar (Lisboa, Edições Salamandra, col. "Garajau" 1994) por Rosário Girão no 8º colóquio anual da lusofonia Bragança, outubro 2009, "De como vários contos convergem num só ponto."



Haverá quem possa afirmar nunca se ter sentido um "Passageiro em trânsito" numa

estação de caminho-de-ferro, num ancoradouro, franco ou não, ou num aeroporto, preferencialmente internacional? Quem nunca conheceu essa sensação de ansiedade, espoletada, neste último, pelos altifalantes 'triglotas' ["*Três são as línguas da comunicação. Todas da europeia cristandade.*" (1994: 72)], pelos tremeluzentes quadros eletrónicos e pelos relógios cosmopolitas arautos do almejado anúncio da porta de embarque? Quem nunca se deixou impressionar pela exaltação vivencial num espaço intermédio, no *entre* dois destinos, dois tempos e dois universos?

É deste transe em trânsito que nos fala Cristóvão de Aguiar, pela via de um protagonista que, afeiçoado ao ato de partir ou, por outras palavras, a essa privilegiada faixa temporal sita, algures, entre a despedida e a largada, adquire o estatuto de "Passageiro em trânsito", postura indubitavelmente adequada ao seu "estado de homem solto" (*idem*: 74).

Mercê desta sua atitude perante a vida, assiste-se paulatinamente a uma conversão do real e a uma subsequente metamorfose do espaço, firmadas em definitivo pelo não enigmático alegorismo. Destarte, transmuta-se a "*moderna feitoria*" que é o aeroporto, detentor de uma ampla sala de espera, em laboriosa (e também penosa...) oficina de escrita, transformando-se a deambulação do peripatético protagonista em peregrinação literária do sujeito escrevente, em busca da epifania da inspiração, concretizada por "causos" ou contos desembocando num ponto [.], suscetível de ser identificado com a interiorização mítica da Ilha. Se, acaso, alguma dúvida hermenêutica persistisse a tal respeito, bastaria, para a delir de imediato, atentar na assunção do protagonista como ficcionista e narrador - "Pelo menos, é

minha intenção de ficcionista que o sejam [que os caminhos sejam diferentes]. [...] Palavra de narrador [...]" (idem: 31-41) -, no culto do rodeio ou desvio, sinónimo de liberdade de criação e de rejeição da "linha reta" narrativa - "Nunca gostei de securas geométricas, [...] Vagueio em enormes rodeios. [...] Sempre se revela o cometimento de outra grandeza semântica. E de uma maior graça estilística." (idem: 81) -, no gosto pelo tropo [ou, mais bem dito, pela palavra metafórica (estabelecendo uma relação de analogia), pela palavra metonímica (alicerçada numa contiguidade lógica) e pela palavra sinedócica (fundada sobre a inclusão)] "parido[a] com muita dor" (idem: 32), na estratégia que preside à opção por esta e não por aquela personagem - "Não é todavia dele que neste momento me quero ocupar. [...] Mas tenciono ainda apanhá-lo no alto mar, se o tempo e a prosa estiverem de ficção." [e não de feição...] / "Agora vou puxar o senhor Afrânio padrinho para dentro do rego desta história. [...] vem vindo atraído pelo meu chamado. E cá está ele." (idem: 103) -, na organização de planos sucessivos e de sequências narrativas encadeadas ou disjuntas - "De resto, já havia pensado em mudar o rumo magnético à rota dos passos." (idem: 143) -, na nomeação ou batismo de dois viajantes inómadados - "Tenciono batizar neste momento a viúva e o seu companheiro em trânsito. As almas querem-se de resto cristãs e sacramentadas." (idem: 116) -, no entrelaçamento constante entre o ponto centrífugo ou o sujeito que escreve a perambular e os contos centrípetos (estórias de vida das personagens convocadas, ou seja, de Deolinda, viúva de Joe Perry, de Manuel Reigó, tio de Antília, e do senhor Afrânio padrinho), na universalidade da condição humana, votada à morte, que a condição em trânsito metaforiza - "De resto, todos nós, nesta sala fantasmagórica de aeroporto internacional, somos

passageiros em trânsito." (idem. 96) -, e na reflexão sobre a escrita e sobre o romance, mais sobre a aventura da escrita do que sobre a escrita da aventura, que tão-somente encontra na descontinuidade da intriga a sua coerência narrativa ou no relativo da história o seu absoluto narrativizado - "O desvio que, por consequência, nesta sala se foi produzindo, [...] se deveu a tudo quanto, a propósito e a despropósito, se andou atrás narrando." (idem. 115).

O elo comum de significância a esta fantomática cadeia de passageiros em trânsito é, inegavelmente, a Ilha (recorrendo ao singular, abstrato e classicizante, místico e mítico), cuja personificação e deificação, reificando as personagens insulares, veicula uma coreografia quase ininterrupta de símbolos: presente ou ausente, extraviada ou transplantada, apaziguada ou enervada, encalhada ou embarcadiça, ela vê-se, não raro submersa, não se furtando, muito embora, a emergir no mar interior dos seus continentes humanos, que tanto a repudiam como a perseguem, num misto algo paradoxal de perda e demanda.

*"Implacável" (idem. 39) e vingativa, não se coíbe de criar raízes, telúrico-marítimas e literárias, no narrador (de entre as quais se destaca, pela sua tirania altaneira, a "Sebastiana" - versão feminina do mito?), de se alojar como cálculo ["em Latim. *Calculus, calculi.*" (idem. 47)] na sua vesícula (a ponto de a ablação constituir uma hipótese a ponderar...), de ergonomicamente obviar à sua replantação, de arrastar na enxurrada o quarto, transmudando a cama em barco, e de possuir inteiramente o sujeito que escreve - acusado pelo seu "amor" de "Cobarde, fraco, abúlico, volúvel, inconstante" (idem. 64) -, esse Homem-Ilha, já que a Ilha,*

supranumerária ou não, constitui parte integrante e amada do sujeito integrador e amante.

Como os gémeos Armando e Armindo, Homem e Ilha tornam-se um só ente, graças a um processo irreversível de transverberação, responsável pela consubstancialização das principais raízes islenhas e dos órgãos vitais humanos, a que uma linguagem-substância, e devidamente substancial, dá forma.

E, de súbito (*idem. 161*), de repente (*idem. 97*) ou de supetão (*idem. 103*) [locações adverbiais recorrentes no texto e cuja função em mais não reside do que na instauração da rutura semântica], irrompe a sátira que, longe de ter um *ethos* agressivo, se faz sentir sob o modo lúdico, menos de matriz irónica do que de cariz humorístico. Alvos flagrantes do humor, por distanciamento interposto, do Autor não deixam de ser a viúva de Joe, que, havendo perdido a Ilha em mar ignoto, só com sorte a poderá reencontrar em qualquer maré-vaza, e o seu parceiro de trânsito Reigó, apreensivo quanto ao local onde deixou uma Ilha só dele conhecida e só por ele estimada a partir do momento em que dela se descartou.

O falaz diálogo (com foros de monólogo...) que entre os dois se estabelece constitui *per se* trampolim simbólico para a crítica do ilhéu-emigrante apátrida: ao *continuum* verbómano de Deolinda Perry, cuja logorreia tanto sepulta, lacrimante, o defunto Joe como verbalmente o ressuscita no seu ofício exímio de envernizador de chouriços, opõe-se o silêncio complacente do seu companheiro de viagem, "de poucas falas" (*idem. 88*) e "com a cara falidinha" (*idem. 94*), *destinatário mor de tanta inatividade palavrosa. É ele, porém, que fazendo jus ao chouriço ilhéu, "uma especiaria e uma bandeira*

de emancipação da miséria" (idem: 89), vai metamorfoseando, no seu foro íntimo em movimento a contrastar com a movimentação verbal, mas exterior, de Deolinda, a produção em série de chouriços, envernizados por Joe, em santa procissão chouriçal, resplandecente de certos emigrantes, portadores, cada qual, da "sua Ilha pela luzidia trela de ouro americano" (idem: 91).

Afinal, no antanho, configurava-se a Ilha como um espaço paradisíaco, desconhecedor da hodierna dinheirama que brota, a jorros, dos partidários de automóveis de luxo, porquanto os *"coriscos dos dólares são diabinhos que enfiam o rabinho tentador na cabeça de muito boa gente."* (idem: 152).

À medida que se vai estreitando a intimidade unívoca entre a senhora Deolinda e o senhor Manoel (aproximação que tem em Joe o seu epicentro), não hesita a primeira, profissional oficiante da palavra, em contar ao segundo o pecadilho cometido noutros tempos, por culpa da mentalidade retrogressiva da Ilha e da branda administração americana: *tendo ela, com efeito, cinco anos a mais do que Joe, e ditando o bom-tom ser uma noiva mais jovem do que o noivo, não se inibiu a ainda 'não viúva' Perry de se aliviar e de olvidar o módico número de sete anos, como diferença de idades, já que "diferença poderá então fazer sete anos a mais ou a menos em riba do pelo?"* (idem: 148).

Crítica similar ao boateiro rigor das autoridades norte-americanas (que não apadrinham enchidos de porco nas malas, mas pactuam com vistos de turismo falaciosos) perpassa na estória de Antília, que, *por cobiçar um apetecível trabalho fabril, força o tio, Manoel Reigó, a ir falar com Mr. William Cavallo. Se, por um lado, arranja emprego num "salão de beleza extraterrena" (idem:*

157), imagem lúdica de "Funeral Home", a enfeitar os *"aposentado[s] da vida" (idem: 93), eufemismo jocoso de mortos, por outro, a condição sine qua non de tal angariação ou recrutamento oblíquos, a saber, a obrigatoriedade de tomar de empréstimo vitalício o nome de sua prima Ausenda e de, por conseguinte, inumar para todo o sempre o seu próprio nome, condu-la à loucura.*

Aliás, o nome adulterado, porque adaptado à "estranja", oscilando entre a identidade como fonte insular e a alteridade como meta emigratória, e apanágio de *certo* ilhéu-emigrante (e *certo*, uma vez mais, porque o narrador não generaliza nem tipifica, antes individualiza...), constitui farpa recorrente no universo diegético desta novela em espiral.

Quedemo-nos, por exemplo, quer em John De Suza (idem: 127) - sendo a preposição, com pretensões nobiliárquicas não raro desmentidas pelo populismo de estirpe, grafada com maiúscula e constituindo o sobrenome um aceno de cumplicidade para o leitor avisado -, quer em Joe Perry que, antes de se tornar cidadão americano, era o *"José Pereira Assoprado na Ilha"* (idem: 116), quer em Manuel do Rego que, *após aterrar na Nova Inglaterra, fica a ser conhecido por Manoel Reigó - "Manolinho nos círculos mais íntimos."* (idem: 116) -, quer, finalmente, em William Cavallo, *"descendente de um Carvalho da Ilha" (idem: 155).*

Os patronímicos adotados lestos se alargam à toponomástica pela via do pastiche magistral de um *certo* (e a repetição do determinante é voluntária) idioleto e regioleto luso-americano, no qual açorianismos, 'continentalismos' e americanismos coabitam em franca harmonia.

Assim sendo, New Bedford e Fall River transmudam-se em *Batefête* e em *Forrível* (*idem*: 85); por seu turno, o senhor Afrânio que, aspirando a gravar o seu nome (e não veiculará o nome a identidade?) na firma industrial "William's Cotton Mill, Co.", apenas consegue aparecer "na cauda do nome legal" (*idem*: 100), ou seja, no "Co." (abreviatura de "Corporation"), que, abreviadamente, recusa a junção do exótico "Afranio's" (*idem*: 100-101); quanto ao falecido Joe, que morre em serviço ao envernizar o derradeiro chouriço, ele era o digno proprietário de "Perry's chouricos and linguicas" (*idem*: 118)...

Neste linguajar 'mascateado', ambas as línguas, portuguesa e americana, vão perdendo as suas idiossincrasias em proveito de uma mescla que, pelo seu hibridismo, dá a sensação de se impor como língua franca: por um lado, usa-se e abusa-se do lusitano impessoal como sujeito, bem ao gosto coletivo, detentor de um incomparável valor estilístico: "A encomenda destinava-se ao Estado de Rhode Island. Aí os imigrantes contam-se aos milhares. Ele é Bristol, ele é Newport, ele é Providence, ele é Warren..." (*idem*: 120); por outro, o lexema "subterrâneo" surge anodidamente como sinónimo de conterrâneo, perdendo o embarque a sua "porta" para conquistar a sua "gate": " - Saiba o senhor Reigó que ainda é meu **subterrâneo** pela banda de meu Pai; foram nascidos na mesma Ilha." (*idem*: 156) / "Aqui no aeroporto o gate possui um número." (*idem*: 132).

Já para não falar do "my God" e do "Sorry" (*idem*: 118-119) que pontuam o discurso, como se os respetivos equivalentes em língua portuguesa primassem pela sua inexistência, ou, ainda, do senhor Joe que pretende fazer da esposa, a taumaturga Deolinda, uma "queen" americana (*idem*: 84), ou, por fim, do senhor Reigó que

quebra o compungido silêncio por não resistir à tentação de confessar que vai à Ilha gozar as suas "vaqueixas" (*idem*: 86). Um caso inolvidável é o da senhora Deolinda Perry, que recorre apenas ao presente, desprezando o pretérito, e ao substantivo, pela realidade concreta que dele emana. O resultado final não poderia ser obnubiladamente mais promissor: "- Eh Joe, parca-me o aresmobil na cóna de baixo, que a cóna de riba está tomates fógui.." (*idem*: 124).

Se a sátira à América, vista pelo emigrante, firma este continente como o "Fruto da fé, do dólar e da fartura" (*idem*: 89) - onde o ilhéu lusíada, receoso de ser julgado em língua estrangeira (mas não 'bárbara'...) pelo Padre Eterno, se apresta a praticar um bilinguismo de suspeita hibridez, elegendo como estandarte a quadra que uma certa folha imprimiu em resposta à diatribe da sua congénere ["Assim, pela última vez, / Vou dizer ao tal fulano / Que Deus fala português, / Nunca aprendeu amar'cano!"] (*idem*: 122)] -, como uma terra em que "tudo se resolve a contento das pessoas", acreditando os Americanos "em tudo quanto se lhes diz" (*idem*: 147), como "a terra da liberdade" que, por não ter património milenário, anda no encaço das mais-valias alheias e europeias ["Ossos de mortos ilustres", "Castelos inteiros, pedra por pedra" e "Espadas ferrugentas de reis" (*idem*: 84)] e como o país, qual conto de fadas, onde "os mortos, sem qualquer distinção de classes, se querem bem ataviados e cheirosos para entrarem os portões da eternidade" (*idem*: 157), a sátira à mátria insular, retomando o campo lexical da religião, é carregada pela "santíssima trindade do senhor Afrânio" - "a Ilha" [que "Reside há mais de três décadas em Massachusetts" (*idem*: 103)], "as moscas e a bosta" (*idem*: 106).

Do seio destes dois universos sociolinguísticos insólitos, que funcionam como “vasos comunicantes” *inter pares*, eleva-se, como espécimen representativo, o senhor Afrânio, alojado pelo narrador ‘em trânsito’ no Hotel Terra Pulchra - “*um dos mais estrelados de toda a Ilha*” (*idem*: 162) -, avatar da sala de espera do aeroporto. Têm, contudo, o *fatum* ou o acaso desígnios com os quais nem sonha esta personagem (tio-avô de Afrânio Condinho Gaudêncio e seu padrinho por procuração), chamada pelo narrador para ilustrar uma certa teoria inovadora sobre a emigração: ao pedir, com efeito, um internacional bife com um ovo a cavalo [sendo este bife açoriano e não texano, o qual, segundo testemunho idóneo do narrador, é o “*melhor do mundo*” (*idem*: 162)], *eis que um inseto díptero, vulgarmente designado por mosca (aquém e além-Atlântico), se atreve a cair na “molhanga amarela da gema esborrachada*” (*idem*: 162-163), acabando por nela se imobilizar.

Ora, como “*Nisto de moscas era o senhor Afrânio muito tafe mesmo*”, a crítica não tarda a fazer a sua aparição em cena, sob a forma de teoria filosófica que o acirrado pró-americano e pseudo-americano vai filosoficamente desenvolvendo: “- *Ninguém me tira das ideias, meus senhores. Mas ninguém. Tanto as moscas como as baratas. Já se começam a ver na terra da América. Ninguém me tira das ideias que não foram levadas pelos emigrantes das Ilhas. Gente mais dirty outra igual no mundo não conheço. Levam-nas nas malas e nos forros dos casacos. E chouriços também. Sou ainda do tempo. Santo tempo esse, em que não se enxergava uma só mosca em toda a terra da América. Depois que a emigração abriu as pernas, foi uma enchente de mosquedo e barataria, só visto. É bom que se saiba que nada tenho contra as novas leis da emigração.*

Quanto mais gente vier para a América, menos míngua haverá nas nossas Ilhas...” (*idem*: 163-164).

Numa incipiente análise do discurso, quedemo-nos, fugazmente, na tripla repetição anafórica e dogmática do indefinido “Ninguém”, na dupla retoma do plural “ideias”, inusitado e descontextualizado na expressão idiomática, nos americanismos que subrepticamente invadem o fragmento que se quer argumentativo [“*Let it go* desta vez.” (*idem*: 163)], na associação mosquedo e barataria em que o zeugma chouriço só pode deter um caráter lúdico, na analogia, que a metáfora subentende, entre emigração e prostituição, na conceção regionalista do bem internacionalizado muscideo e, por fim, na reviravolta ideológica do luso-americano que, após verberar a emigração, se não inibe de a defender, em nome da “*Ilha transplantada*”, num intuito económico e moralizador em simultâneo.

Do mesmo modo, o seu amigo, eminente visitante chegado de Boston para se submeter - não em Boston... -, na Ilha, a um tratamento de bexiga, inicia-se no débil discurso independentista de uma Ilha singular (olvidando as demais oito ilhas do Arquipélago) - “[...] *aproveitava o ensejo para iniciar um peditório destinado à angariação de fundos com vista à independência da Ilha. Mas só da sua Ilha. Que fique bem claro. As outras que se desunhassem.*” (*idem*: 165) -, que o discurso indireto livre, aliado à expressão popularmente oralizante, corrobora humoristicamente. Aliás, o contraste, por vezes aviltante, entre a fisiologia e a espiritualidade, a primeira sobrelevando a segunda, é apanágio das personagens produtoras de um discurso algo infantilizado: *o senhor Reigó, depois de cumprir a sua “devoção diária no Clube do*

Divino Espírito Santo de Fall River" (*idem*. 125), dirigia-se, lesto, para casa... *obcecado por uma "biinha" ou, traduzindo do luso-americano, por uma "cervejinha":* "- Ah Janim, minha rica cara, traz uma biinha ao vavô; está na freijoeira; mim querer biinha fresca..." (*idem*. 125).

Um outro caso de contraste comicamente aviltante é a saída da Ilha, assolada pela superstição reinante, da imagem milagrosa do Santo Cristo, que dá início a um complicado périplo marítimo para findar, algo desairosamente, num "*galinheiro de uma casa situada num lugarejo escondido*", *somente descoberta por certas aves galináceas e palmípedes: "as galinhas, os frangos e um casal de patos-marrecos."* (*idem*. 129). Soa, todavia, a hora (estando a noite em trânsito para a madrugada) de o narrador, esquecido de si mesmo, mas não esquecedor das estórias de outrem, por si engendradas, abandonar a sua peripatização.

Cansado e endolorido, senta-se, na sala de espera vazia de um aeroporto inominável, em companhia da aquietada "Sebastiana" que, só em trânsito, tende a serenar. Enxerga, ainda, o *Carvalho Araújo*, no qual deveria ter embarcado "*para a boa continuação desta história*", *conquanto lhe seja "impossível ir daqui a nado até alcançar o navio"* (*idem*. 171).

As suas personagens lá abalaram (podendo ser, quiçá, retomadas, por invocação e evocação, em contos a vir), e ele próprio, o "Homem-Ilha" ou a "Ilha-Homem", bipartido entre dois polos litigantes, o *ego* e o *alter-ego*, o *outro* do passado e o *eu* do presente, aguarda uma pista desimpedida "*para a descolagem de algumas das [minhas] suas aventuras aéreas, como as [minhas] suas raízes*", *pois são estas que "[me] o sustentam de pé."* (*idem*. 172).

Que nos sejam permitidas, para concluir, algumas considerações, talvez impertinentes, sobre o mérito incontestável de *Passageiro em trânsito*.

1. A reflexão constante sobre o ato de escrita, geneologicamente falando, que o tentame de 'rotulação' da obra, por parte do Autor, evidencia à saciedade, ao subverter o cânone: "novela em espiral ou o *romance* de um ponto a que se vai sempre acrescentando um *conto*." (*idem*. 3). De facto, a metáfora geométrica da "espiral" traduz geometricamente a estrutura da ficção, que redonda no escorço de uma linha curva descrita por um ponto, que tanto voluteia, de modo contínuo, em torno de outro, como dele se vai afastando em gradação crescente.

2. O poder duplamente 'reflexivo' da alegoria, correspondente à metáfora *in absentia*, desafiando o leitor para o vaivém entre a significação literal, ancorada num referente concreto, e a significação simbólica, umbilicalmente ligada à primeira pela analogia. Exemplo deste balancé é, sem sombra de dúvida, a entidade Tempo [que tanto se estende - no aeroporto - e cresce - na Ilha - como escasseia ou falha (numa trajetória englobando, algo paradoxalmente, a míngua e a abundância)], com a qual se 'empanturra' o narrador, desejoso de ofertar aos pobrezinhos algumas "conchas" temporais "ainda em bom uso. [...] Só um tudo-nada puído [as] nos cotovelos." (*idem*. 78). Mas quem anela, hoje em dia, por uns farrapitos têxteis temporalmente usados?

3. A leitura plural, defluindo do item anterior, que é generosamente ofertada ao leitor hermeneuta, brindado,

desde o *incipit*, com o vocativo enganadoramente ternurento "meu amor".

Numa perspectiva psicanalítica, o fatalismo inerente ao nascimento na Ilha configura simbolicamente a ulterior condição do Homem e do Escritor ilhéu. É ele que decide, porventura inconscientemente, fazer um "*ajuste de contas*" consigo mesmo e com o espaço insular (do latim: *insula, insulae*), no enalço incessante da mítica pureza islenha de antanho, a qual, doravante contaminada, apenas se poderá lobrigar no avatar do seu transplante em terras do Novo Mundo. Daí, a apóstrofe das raízes que, entranhadas, doem - ao invés do que acontecia na sua "*anterior encarnação*" (*idem*: 54), quando era menino e, mais tarde, aquando jovem residente numa "república" em Coimbra -, o pavor no que respeita à irreversibilidade do tempo que se vai acumulando, a apostasia da fratura vulcânica que fere, a geminação dos corpos não apartáveis e a construção fragilizada do sujeito escrevente, submisso às rotas marítimas consubstanciadas pela(s) metáfora(s), no "*sentido de transferência. Desvio de significação de uma palavra para outra. De um ser para outro ser. Tropo. Com ligações, claras ou subterrâneas, entre si. Por vezes clandestinas.*" (*idem*: 25).

Do ponto de vista temático e sociológico, a sátira 'matreirinha' do fenómeno da emigração, carreando a caricatura magistral de certos emigrantes complexados, cuja partida se deve não tanto à superação da pobreza que grassava na Ilha, mas antes ao anelo utópico de aquisição de um estatuto de "grande senhor", em quase tudo similar ao que, por privilégio de nascença, era concedido aos senhores feudais da Ilha-feudo.

Assim é que desfilam, em sacrossanta procissão, a mentalidade estreita, conservadora ou provinciana, a ambição mesquinha do ganho iminente e do lucro rápido ou fácil, a teia da invejidade a desembocar nos 'enredos' da trapaça e a visão confrangedoramente redutora de um regresso apoteótico à Ilha como exteriorização de uma inexistente supremacia intelectual e de um falacioso triunfo materialista, na ausência de um genuíno progresso anímico.

Numa abordagem estilística, a hegemonia do humor sobre a ironia, ou seja, dessa operação de espírito que, lesta, deteta, mede e sublinha o desfazamento entre o ideal e o real, não se coibindo de pedir à ironia determinadas vias de pseudo-simulação tomadas de empréstimo. Nesta sequência, não se afigura despiciendo visitar brevemente alguns desses recursos estilísticos.

- O fogo-de-artifício lúdico das palavras 'fogosas', aparentadas e apartadas pela via de divertida consulta do *Dicionário Prático Ilustrado*. " - *O meu relógio é uma matriz de infalibilidade. O teu, muito pelo contrário, parece uma meretriz de relaxamento. [...] Compreendi então a diferença entre os dois aferidores da idade dos homens. [...] Acho que outorguei toda a minha preferência ao segundo maquinismo. Mais maluco.*" (*idem*: 82).

- O efeito cómico veiculado pelos diminutivos não hipocorísticos: "*Fominha de séculos, Senhor Santo Cristo.*" (*idem*: 92); "*Um molhinho de passageiros em plena confraternização em trânsito. Que reconfortante é deixar cair os olhos nesse cachinho de pessoas.*" (*idem*: 98); "*[...] o senhor Afrânio padrinho [...] Quer apadrinhar e estar presente na cerimónia da apoteótica entrada do novel doutor na pacata e*

ordeira sociedade da cidadezinha há anos dorminhando de rabinho assado para o ar." (idem: 101-102).

- A aliança de palavras que parecem contradizer-se (e, verdade seja dita, se contradizem...), tanto pela adjetivação inadequadamente expressiva, como pelo contraste entre o concreto (prosaico) e o abstrato (sublime), firmados não raro pela rima em final de frase: "*Ainda se não passaram grandes momentos após ter a viúva palestrante tomado a peito fazer ressuscitar o defunto marido.*" (idem: 93); "*Para o fazer retornar às trabalhadoras deste enchouraçado vale de lágrimas?*" (idem: 93-94); "*Não teve o industrial a dita de ter gerado descendentes diretos. Legítimos ou de mão canhota, tanto monta.*" (idem: 101).

- A adaptação subversora (pela negativa) de lugares-comuns, clichés e estereótipos: "*- Os senhores passageiros sem destino marcado no bilhete de passagem queiram dirigir-se a qualquer sala de embarque disponível. Porta alfa ou ómega. Atenção ao embarque anunciado...*" (idem: 90).

- A profusão de asteísmos e de truísmos, reforçados pela focalização interna (voz dual, do narrador e da personagem) e pelo discurso indireto livre: "*A viúva vai em demanda da Ilha com o sentido de vender os bens que ao seu Joe pertenciam. Trabalhar uma vida inteira para os sobrinhos depois herdarem, não era trabalho abençoado de Deus. Do you know? Muito menos para irmãos. Cada qual se fosse governando com o que tinha. Quem quer uste que lhe custe! Mas enfim, nada de murmurações. [...] Cala-te boca!*" (idem: 86).

- O recurso à antífrase, sob forma de falsa ingenuidade sarcástica, manipulando o valor (verdadeiro) do enunciado: "Nunca semelhante sociedade pacata, etcetra, poderia alguma

vez consentir, em nome dos bons costumes e valores da família, que o filho de um vendedor de laranjas pudesse vir um dia a renegar o brasão dos seus antepassados vendilhões. Decidido fica por conseguinte que o filho de António Gaudêncio da Covoada, que de Coimbra veio com o canudo de leis no fundo da mala, passe a ser tratado com o respeito devido à sua pessoa e posição. - *Eh laró, eh laró! É da doce e sumarenta, patroa!*" (idem: 102); "*Nela [em Fall River] existiam ao tempo [...] três clubes de diversão e cultura. O do Divino Espírito Santo, o de nossa Senhora de Fátima e o do Senhor Santo Cristo.*" (idem: 126).

- A eventual sugestão de um enriquecedor intertexto, cujo papel passa a ser insolentemente invertido e desemboca na crítica da pseudo-intelectualidade e/ou da real ignorância: "*[...] D. Cesarina andava sempre de atalaia no seu posto de vigia de mosca à vista. Ela acompanhava o marido em todas as circunstâncias e dizia para quem a queria ouvir que o seu Afrânio e o Antero de Quental faziam belas quadras porque ambos tinham muito vocabulário, além de serem oriundos da mesma Ilha. Pouco depois, e perante o pasmo da dona de casa, zumbiu a mosca islenha.*" (idem: 166).

Quem dá a sensação, com efeito, de ser relegado para segundo plano é o micalense Antero de Quental...

Romance sobre o romance ou meta-romance, repassado de crónicas e de contos, *Passageiro em Trânsito*, obra cimeira da literatura portuguesa de feição açoriana, é o romance do *entre*. Até nesta conjuntura específica: *entre* o Autor, que não parece passar a vida "por via da inspiração, a roer em público o plástico traseiro da esferográfica", e a crítica, que se não identifica com esses críticos

que "fazem os seus biscates semióticos, e acabam por publicar autênticas peças sinfónicas em si maior." (*idem*. 162). Em *si menor*, talvez...

Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos, "Bracara Augusta aos 23 dias do mês de Julho de 2009. revisto aos 27 dias do mesmo mês."

Apresentação de *Cães Letrados*, de Cristóvão de Aguiar (Editora Calendário, 2008) no 4º encontro açoriano da lusofonia, Lagoa (Açores) março 2009. Apresentação de Rosário Girão "Rumo a uma tipologia canídea..."

CÃES LETRADOS

Cristóvão de Aguiar

Prémio de André Carrazzi



Revisitemos as palavras de Eloísa Alvarez (porta-voz do Júri do "Prémio Literário de Miguel Torga"), transcritas no "Prólogo" de *A Tabuada do Tempo; a lenta narrativa dos dias*. "A aparente insignificância de cada instante do

dia ou da noite é transcendida por Cristóvão de Aguiar com a paixão de quem vive esses momentos como se fossem os últimos, os decisivos da sua vida: unguindo-os - como se de um feito religioso de tratasse - com o amor, numa sacralização invasora que inclui quer o erotismo referido a Ela, quer o humanismo com que contempla o Outro, um Outro que, além de incluir o Homem, contempla também os bichos [...]" (Coimbra, Livraria Almedina, 2007: 11).

E é, com efeito, de bichos que se trata, não de *Bichos*, de Miguel Torga (ao qual o professor, o escritor, o novelista e o linguista não raro rende preito), mas tão-só de cães, esses "inseparáveis e afetuosos companheiros" da infância e juventude do Autor (2008: 10).

Se nos detivermos, aliás, no título desta belíssima antologia - *Cães Letrados* -, revelando à sociedade a feliz osmose entre canidade e humanidade, se atentarmos nas três epígrafes de Jean Genet, de Simone de Beauvoir e de Victor Hugo, remetendo para uma conceção mítica da infância como "idade de ouro", e se nos quedarmos na dedicatória "*Para os meus netos*", não se tornará difícil privilegiar um duplo protocolo de leitura, visando dois 'tipos' de público-alvo: o leitor jovem (infantil e adolescente) e o leitor adulto; o leitor ingénuo, afeiçoado às histórias comovedoras de cães, e o leitor crítico, cuja experiência (que, segundo Oscar Wilde, é o nome que damos aos nossos erros...) não hesita em escavar na superfície do texto um ou outro trilho hermenêutico, mais ou menos consciente e profundo, voluntariamente traçado ou não...

Configurando, de modo indubitável, o sentido imanente e a estrutura profunda – o fenotexto e o genotexto –, os títulos das dezoito novelas (não ao acaso respigados) tanto re-enviam para os nomes dos caninos cuja trajetória existencial não deixa de ser narrada, como para uma reinvenção taxinómica dos *Canídeos*, a que não é alheia a sátira social.

No primeiro caso, o dos títulos epónimos, deparamos com genuínos bilhetes de identidade - que as talentosas ilustrações de André Caetano firmam em definitivo - de cães e de cadelas de estimação cuja genealogia - "Nasceu [a *Pantera*] há quatro anos." (2008: 135) - a memória do Autor - que o "baú" metaforiza (2008: 137) - cristalizou em lugares de memória revisitados pela palavra.

É o caso de *A Girafa*, "*cadela branca, atravessada de galgo*" (2008: 23), detentora do faro mais apurado de Tronqueira; é o caso do *Alex* que, numa das suas saídas de cariz sentimental e de matriz erótica, é vítima de morte por atropelamento; é o caso do *Adónis* (e repare-se na consciência cratílina da linguagem...) que, ao longo da viagem, em segunda classe, no Inter-Regional entre Lisboa e Coimbra, se torna o centro de atenções, mercê dos seus balbucios caninos de estirpe aristocrática, dos militares regressando aos quartéis; é o caso do *Isquininho*, inventor do novo método de esvaziar gamelas graças à sua imobilização: "*Passou a pôr uma pata no fundo da gamela e assim ela ficava mais que segura ao chão. E comia o resto da paparoca à vontade e em sossego...*" (2008: 62); é o caso do *Ligeiro*, "*rasteirinho e de cauda enroscada em jeito de ponto de interrogação*" (2008: 77), que sacrificialmente aprende os riscos da falácia da sedução, simbolizada pelas pelezinhas de chouriço: "*Ao abrir a boca, já com*

as peles a roçarem-lhe o focinho, tornou a apanhar um cachação. [...] 'caim, caim, caim', o rabo murcho, correu a bom correr, [...]" (2008: 79-80); é o caso da *Regina Cadela*, parideira de profissão e perita, por excelência, na arte da fuga matreira à atividade caninamente vigilante das autoridades do município: "*A cadela-mãe sobrevivia sempre às investidas regulares dos funcionários municipais [...]"* (2008: 86); é o caso do *Schwarz*, cão expatriado que, forçado pelo dono a reaprender a sua língua pátria, vai gradualmente conhecendo as tristes etapas da gaguez no latir, tornando-se motivo de chacota para os seus congéneres - "*o Schwarz cada vez mais gago, entristecido e neurasténico...*" - e debitando mal a língua de Lutero (2008: 116); é o caso do *Valente*, pastor alemão de envergadura, cuja fera intrepidez se vê premiada com uma injeção letal e subsequente viagem gratuita rumo à eternidade dos *Canídeos*: "*Perdi um amigo e a minha casa um excelente guarda!*" (2008: 130); é, por fim, o caso da *Pantera*, esse "*grand danois*" a caminho do matadouro por sofrer de doença perigosa; da *Petruskazinha*, *pekinois* de luxo instigado pela 'mamã' Susana a comer o bife a bordo do *Carvalho de Araújo*, e da *Andorinha* que, no colchão do autor-narrador alferes, dá à luz, com intervalos de quinze, vinte minutos, seis filhotes, sendo o último "*uma fêmea com parecenças com a mãe enquanto jovem cachorra...*" (2008: 171).

Destarte, estão os dados lançados para o escorço de uma segunda linha de leitura, que passa obrigatoriamente pela animização e personificação do canino, mediante a adjetivação, a adaptação, a comparação, o contraste e a hipálage, desembocando na caracterização indireta de todo o ser humano

(mais ao nível da etopeia – descrição caraterológica – do que da prosopografia - descrição física) dono de um “cão letrado”...

Assim sendo, é a “família *humana*” do *Alex* que, após o seu passamento, traja lutuosamente (2008: 40); é o José Jacinto que se vê invadido por sentimentos específicos de um “dono *coruja*” (2008: 69); é a *Girafa* que, ao invés da senhora dona Amelinha Costa, assolada pela *avareza*, se não coíbe de repartir o “*prato das sopas de leite desnatado com o gato maltês*” (2008: 25) e é o *Isquininho*, cão “*fiel e honrado*”, que, por graça divina, é agraciado com uma “Morte serena” (2008: 63).

Do mesmo modo, o *Schwarz*, contrariamente à Maria do Socorro, declina o desejo acalentado pelo Senhor de Simas de aprender a sua língua; a *Petruska* espelha caraterologicamente, graças à ambiguidade de onde o lúdico não desertou, a sua dona Susana, amante de “*ternura e cócegas*” (2008: 161); por fim, os cães das Letras contemplam “*os humanos [...] com um acento tónico de sílabas de um verso bem escandido*” (2008: 101), enquanto os da Faculdade de Direito se impõem pela sua sumptuosidade (2008: 108).

De realçar, neste contexto específico, o recurso a certas expressões convencionais, convocando a tradição cristã, que inusitadamente contemplam determinados momentos da vida canídea: a *Girafa* humaniza-se ao receber o sacramento do batismo, sendo esta humanização corroborada, na hora da sua morte, pela derradeira invocação: “*dai-lhe, Senhor, o eterno descanso, entre o resplendor da luz perpétua...*” (2008: 34); por sua vez, não se furta o narrador a clamar “*Paz à sua alma*” na altura em

que o *Valente* entrega a alma ao Criador (2008: 130) e a rogar a Deus que dê “**uma boa morte**” à *Pantera* (2008: 138).

Por intermédio de uma inversão semanticamente pejorativa, o universo parece transfigurar-se em “*mundo cão*” (2008: 138), habitado pelo “*bicho-careta*” (2008: 86) que é o homem.

É, então, que irrompe a sátira social, sob forma de crítica à mentalidade estreita, sobrelevando a raça canina o ser humano: a *Girafa*, ao ter impudentemente relações sexuais, em público, com o galã do *Calçado*, escandaliza as beatas angelicais que, lestras, se encaminham para o ofício matutino (2008: 27); um rafeiro, cão da esplanada, não refreia o desejo súbito de montar a sua amada, indiferente à turba preconceituosa, mas minada pela sensualidade (2008: 91); a municipalidade, cuja palavra de ordem se resume eticamente a preservar os “bons costumes”, apressa-se a desinçar a via pública da indesejada descendência da *Regina* Cadela (2008: 85); o cão do mestre Oliveira, batizado de *Polícia*, torna-se, à imagem do seu dono, mestre em morder o policial Beliboga (2008: 146), situação caricata prenunciada pelo título *Cão-Polícia ou vice-versa*.

A par da sátira, insiste a paródia em fazer a sua aparição em cena, mormente no tocante a esse hipotexto que é a erudição balofa, o discurso universitário hermético, o casticismo de um ‘catecismo’ em desuso e o ensino que privilegia menos a reflexão salutar do que o ‘afinado’ papagueamento de verdades desatualizadas. A partir dos “*cães atascados em literatura*” (2008: 152) e dos “*canídeos das filologias menos clássicas*” (2008: 102) jorra, paulatinamente, um humorístico hipertexto (com “nuances”

genettianas) denunciando quer "*um dos muitos arquétipos de um arquítexito exemplificativo de certos ladrões linguísticos de alguns cães e cadelas da semiótica*" (2008: 103), quer "*certas reminiscências estruturalistas no ladrar de alto*" (2008: 102).

Por um lado, o "professor transfigurado", especialista na transmissão pseudopedagógica das grandes correntes da crítica; por outro, o "*coro dos falantes*" cantores, bons assimiladores da matéria trauteada (2008: 152). O resultado, "*estupidamente real*" (*Idem*), mais não é do que um amontoado lexical delirante, a desembocar no galimatias ou, talvez, no anfiguri, repassado (s) de conceitos teóricos descontextualizados e de absurdas abstrações teoréticas (2008:102).

Do seio deste aranzel sobressaem tanto a parte prática da "*teoria poética do luar*" (2008: 151), exemplificada por um fragmento comicamente aliterativo - "*Os lúbricos cães e as cadelas aluadas ululam lugubrememente à lua... Os lú-bri-cos... a-lu-a-das... u-lu-lam... lu-gu-bre-mente... lu-a...*" (2008: 151) -, como uma crítica velada ao decadentismo-simbolismo português (cujo corifeu foi Eugénio de Castro ao dar ao prelo os *Oaristos*) que, em vez de simbolismo genuíno e inovador (revisite-se Camilo Pessanha...), se ficou pela quintessência do parnasianismo...

Retomando as duas linhas de leitura que se têm vindo gradualmente a esboçar, indiferentes não podemos ficar à reinvenção canina a que procede Cristóvão de Aguiar. Na verdade, longe vão os tempos em que a canzoada se diferenciava pelo *pedigree*, subdividindo-se em cães vadios ou rafeiros, em cães aristocratas ou de raça, podendo esta última categoria abarcar os

galgos, os *danois*, os *huskies* e os pastores alemães, retratados com mestria no texto-imagem de André Caetano.

Ora, em *Cães Letrados*, o conceito de canidade é diversamente (e enriquecedoramente...) abordado e sistematizado.

Destaque-se, em primeiro lugar, a seguinte tetralogia canídea: "Cães de Esplanada", "Cães Universitários", "Cão-Polícia ou Vice-Versa" e "Cães Cantores"; atente-se, numa segunda etapa, no estudo denodado da caraterologia canídea conducente a uma taxinomia inédita: a cadela que se pauta pelos famosos relógios Longines e para a qual "*o meio-dia era sagrado*" (2008: 29); a cadelinha grávida que só aparece de manhã e à noite para cumprimentar o dono da casa - que não é o seu dono... - e os cinco colegas que nela residem (2008: 45); o cachorrinho que desfruta, com uma estudante, das *Lições de pediatria*, virando as folhas com a patinha direita e escapando ao pagamento de meio bilhete no Inter-Regional (2008: 54-55); o canino que se vai mantendo vivo até ao regresso dos donos da América (2008: 63); o cãozinho de orelha fita à espera da espinha e do rabo do "*chicharrinho assado na sertã*" (2008: 77); a cadela parideira que nunca considerou o seu corpo "*res publica*" (2008: 86), a cadelinha de luxo que tem um babeiro - qual "mise en abîme"! - onde aparece bordado "*um cachorrinho de mama tomando o seu biberão*" (2008: 161) e, por fim, o cão do futuro, "*novíssimo cão*", totalmente informatizado e criado "*à imagem e semelhança da tecnologia de ponta ou da ponta da tecnologia.*" (2008: 107).

Por outras palavras, e decifrando a obliquidade da escrita, um anti-cão ou um contra-cão... Observe-se, numa terceira fase, não

só a atração de longa data do Autor pelos cães - "*A minha atração pelos cães é muito antiga. Há certas raças, porém, que me não agradam nada. Até tenho nojo de algumas dessas espécies meio exóticas: os muito pequeninos e alguns que não têm pêlo e parecem porcos...*" (2008: 69) -, mas também a pertinência da sua função - "*[...] acode-me à lembrança um velho professor amante de cães como eu. Chamava-lhes povoadores de solidões acumuladas.*" (2008: 92-93) -, ambas desaguando num indubitável unanimismo canídeo, quase nos antípodas do sentimento algo disfórico nutrido por uma certa raça humana, menos generosamente qualificada devido à intrusão da ironia.

"*E, depois, dava ares [a Girafa] de maior esperteza do que alguns que andavam nos estudos.*" (2008: 24).

"*Falaram todos com muita propriedade e sabedoria. Eu estava entre a luzidia assistência*" (2008:39).

"*Muito gostei de ouvir gente tão sábia sobre a matéria tão árida, ardente como as areias do deserto.*" (2008: 40).

Que nos seja lícito, para concluir esta breve nota, aflorar não só o método de trabalho do escritor açoriano, como também a presença da Ilha na antologia em pauta.

No que respeita ao primeiro ponto, a "Nota Prévia" parece ser sobejamente esclarecedora ao alertar o leitor de todas as idades para o trabalho incessante de depuração da escrita, identificado com um "*verdadeiro calvário... [...] sofrendo muitas alterações, cortes e acrescentos*" (2008: 10). Escrita ou re-escrita?

No tocante ao segundo ponto, a Ilha constitui trampolim para o lirismo invadente, para a saudade inefável que Afrânio Gaudêncio aprende a definir: "*Repercutiu-se-lhe então de*

imediate e de novo o som dos três berros. [...] Três urros doídos. Em jeito de despedida. Nunca mais se podia esquecer. [...] E ficarão doendo para o resto da vida. Assim acontece a todo o ilhéu desilhado. A Ilha é implacável. E vingá-se." (2008: 162).

Livro de cães ilhéus e continentais (não falando dos estrangeiros...) para miúdos e graúdos, histórias para netos e avós e para pais e filhos, *Cães Letrados* só não será lido por quem tão-somente gostar - o que não deixa de ser insalubrememente redutor... - de gatos literatigueiros ou, pior ainda, de felinos estagnados na aliteracia.

Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos, Bucareste, 4 de Março de 2009/Maia, 24 de Março de 2009

Em Bragança no 8º Colóquio Anual da Lusofonia (Outubro 2009) teve lugar uma Mesa quadrada sobre tradução e literatura de matriz açoriana

Ali tive o privilégio de explicar algo que muitos ignoram sobre essa literatura:

Grandes vultos das letras e das artes nasceram nos Açoresⁱ como Gaspar Frutuoso, o conde de Ávila, Manuel de Arriaga, Antero de Quental, Teófilo Braga, Roberto Ivens, Tomás Borba, Francisco de Lacerda, Canto da Maya, Domingos Rebelo, Vitorino Nemésio, António Dacosta, Carlos Wallenstein, Victor Câmara e Carlos Carreiro. Dos autores contemporâneos de que falarei aqui, selecionei aqueles por quem nutro apreciação.

Acolho como premissa o conceito de açorianidade de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana «quanto superestrutura emanada dum habitat, dum vivência e dum mundividência»ⁱⁱ. A açorianidade literáriaⁱⁱⁱ (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração. Martins Garcia não se mostra empenhado em definir a literatura açoriana, mas a sua qualidade estética.

Na obra *“Para uma literatura açoriana”* (1987) afirma: *“...utilizar um conceito antropológico de cultura para provar a diferença entre os Açores e o Continente é admitir que um traço distintivo venha a justificar uma autonomia, quando, na realidade, são as diferenças culturais que formam um acréscimo que dão identidade, seja a uma literatura, seja a um povo^{iv}”*.

Em *“Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana”* **J. Almeida Pavão** (1988) diz *“...sobre a existência de uma Literatura Açoriana...assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Continental. No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de Borges Garcia e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestário, formado por Gaspar Simões e Cristóvão de Aguiar. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, compendiados na obra *A Questão da Literatura Açoriana*, de Onésimo de Almeida (1983)^v”*.

Depois de, no meu fervor iniciático, ter sido um adepto da Literatura Açoriana, à medida que lia os mais consagrados e badalados, ficava com uma sensação amarga. Há muitos, mas de qualidade irregular, dir-se-ia duvidosa.

Sorri da minha ingenuidade. Ao ler Dias de Melo, guardei as baleias, o livro intimista *“À Boquinha da Noite* (2001) e poucos mais. Lera mas não gostara doutros com um neorealismo primário que nada tem a ver com os livros mais antigos sobre os baleeiros.

Onésimo fora um desapontamento mas como croniqueiro eram notáveis as piadas que sempre o caracterizaram.

Daniel de Sá tem talvez como uma das suas melhores obras, a novela *“O Pastor das Casas Mortas”* e obras mais antigas (sobretudo *“Ilha grande fechada”* (1992). Dele, ressalvam-se bons textos nos últimos anos, em livros ou guias de turismo como *“Santa Maria Ilha-Mãe”*, *“S. Miguel, a ilha esculpida”* e outro sobre a Terceira (a publicar em breve, todos da VerAçor). Entretanto, JC lera outros poetas e escritores açorianos espantosos de quem poucos falavam. Martins Garcia era um deles...

Como tradutor no seio desta geografia idílica, não busquei a essência do ser azórico em miríades de variações nem cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionaram a presença humana, para evidenciar a sua especificidade ou açorianidade.

Deduzi no decurso da sua tradução características relevantes para a açorianidade:

1. *O clima inculca um caráter de torpor e de morosidade;*
2. *Os povos quedam hoje, física e culturalmente, quase tão distantes de Portugal como há séculos atrás;*

3. O recorte dos estratos sociais: é ainda vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;

4. A adjacência das gentes à terra persiste ainda imune a aculturações, fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, opondo-se ao centralismo autofágico e macrocéfalo, que regem esses dois submundos como vasos não-comunicantes.

Daniel de Sá dedicou *"O Pastor das Casa Mortas"* "às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal. O herói busca um amor perdido no léxico e na sintaxe dos montes escalavrados da Beira Alta. Por entre o pastoreio, calcorreia paixões sofridas, numa apologia da solidão. O retrato de Manuel Cordovão, lusitano de um amor só, é uma ode ao açoriano apartado de si e do mundo por um amor impossível inconcretizado. Trata-se de uma visita ao Portugal profundo, interior e inacessível. Aqui não se fala do *"despovoamento das ilhas"* antes se resgata o imaginário coletivo na erudição improvável de um mero apascentador de cabras.

Em *"Santa Maria ilha-mãe"* Daniel de Sá viaja ao passado mítico, refulgente de nostalgia lírica por uma infância despreziosa. Visita o isolamento de séculos, permeado por ataques de piratas, a inculcar mais vincadamente as crenças religiosas. O título gerou controvérsia mas o autor notaria: *"Não se trata de "mãe" adjetivo, mas sim de dois substantivos. É uma ilha que é mãe também..."* As personagens são credíveis e transportam-nos a partilhar sentimentos com os interlocutores. Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald, *"A tradução é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia.*

Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte

Dias de Melo escrevia sobre os baleeiros, como se da sua *"Cabana do Pai Tomás"*, no Alto da Rocha do Canto da Baía, na Calheta de Nesquim na açoriana ilha do Pico, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta baleando contra os Vilas e os Ribeiras. A escrita embrenha-se como o nevoeiro em que os trancadores se debatiam na luta inglória para ganhar a vida. Resumo o autor a uma frase: **Injustiça Social**. É da sua denúncia que trata ao abordar a emigração, as realidades sociais e económicas, a repressão do Estado Novo e os dramas humanos, na linguagem simples dos homens do mar. Fica-se com a sensação de uma sociedade arbitrária e perversa. Coube-lhe a sorte de ter recebido homenagens públicas nos últimos meses de vida, quando a VerAçor re-editou alguns dos seus livros. Como espetador atento da luta quotidiana e da condição humana, nunca se coibiu de a viver e contar. Cumpre evitar que essa memória se esvaneça e porfiar para que seja lido pelas novas gerações, pois, como ele escreveu: ***"A esperança num mundo melhor já não será para mim, nem para nenhum de nós e eu revolto-me com o que vejo à volta de mim"***

Nas ilhas existem interesses esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias com fama fácil e nomes menores da literatura local. Com a paixão de descobrirmos estes autores, olvidamos o conhecimento dos restantes. Deixamo-nos embalar pela açorianidade, a diegese das ilhas, seus costumes ancestrais, o canto das suas sereias...Lemos outros açorianos espantosos de que ninguém fala como José **Martins Garcia**^{vi}. Sobre ele escreveu

David Mourão-Ferreira "Se não vivêssemos, vicentinamente, num País em que a "barca do purgatório" anda sempre mais carregada que as outras duas, o [seu] nome deveria ser hoje saudado como o do escritor mais completo e mais complexo que no último decénio entre nós se revelou; (...) com igual mestria tanto abrange os registos da mistificação narrativa como os da exegese crítica, tanto os da desmistificação satírica como os da transfiguração telúrica, e que sem dúvida não encontra paralelo, pela convergência e concentração de todos estes vetores, na produção de qualquer outro seu coetâneo^{viii}". E **Maria Lúcia Lepecki** acrescenta "É a arte de narrar "em puro" que Martins Garcia cultiva: de modo que opta por não fazer quaisquer tipos de experimentações. Vai sempre re-experimentando, e confirmando, o contar histórias."

Armando Côrtes-Rodrigues é outro nome juntamente com **Emanuel de Sousa** poeta e autor de *Eurídice*^{viii} com prefácio de Natália Correia; e autor de *Ariadne*^{ix}, Saiu agora uma rica edição de uma antologia de contos de Martins Garcia. A coleção intitula-se Biblioteca Açoriana e é dirigida por Urbano Bettencourt e Carlos Alberto Machado^x. Já foram publicados, nesta coleção, em 2009: *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, de **Roberto de Mesquita**^{xi}; *A Moldura*, de **Conceição Maciel**; *Português, Contrabandista*, de **José Martins Garcia**, antologia de contos, a maior parte inexistente no mercado, **com um** posfácio de Urbano Bettencourt. Há mais três nomes a não esquecer: **Vasco Pereira da Costa**, poeta, romancista, nascido em Angra em 1948. Além disso é pintor com o pseudónimo de Manuel Policarpo. A sua Exposição de Pintura no Museu dos Baleeiros das Lajes do Pico em Junho, foi para a Terceira, e está agora nas Portas do Mar, em Ponta Delgada. Intitula-se *As Ilhas Conhecidas - Cartografia e Iconografia*.

Os quadros relativos ao culto do Espírito Santo são uma forte crítica não só ao culto da terceira pessoa como à sociedade... Há ainda **Eduardo Jorge Brum** (fundador e diretor do Semanário "Expresso das Nove") poeta, contista e romancista, nascido em Rabo de Peixe. Escritor maldito, na linha de Luiz Pacheco. As suas principais obras foram todas publicadas na Europa-América, com exceção de uma, que saiu na Vega^{xii}, e por último, **Marcolino Candeias**, nascido em Angra em 1952. Poeta de um só livro, embora se tivesse estreado aos 16 anos com um livro *Por Ter Escrito Amor* que terá repudiado, pois não consta na sua bibliografia. A 2.^a edição intitula-se: *Na Distância deste Tempo*^{xiii}. Como se pode ver há muito para além das hortênsias e dos romeiros, tema desesperado de tanto aspirante a escritor numa eterna antologia de autores açorianos, mas nem todos eles serão obreiros de verdadeira literatura.

Deixei premeditadamente para o fim Cristóvão de Aguiar^{xiv}, um escritor incómodo. Não só se libertou das grilhetas do cativeiro confinado da ilha como demonstrou com a sua prolífica publicação aquilo que mais se entretive a negar: a existência de uma literatura açoriana. Exigente consigo e com os outros, com fama de intransigente, não se inibe com polémicas e controvérsias. Domina a língua como só os grandes escritores almejam, enquanto se deixa consumir na incandescente falta de confiança genética de ilhéu.

Eterno insatisfeito burila as filigranas letras com que nos enleia no basalto da sua ilha adotiva, o Pico. Como visitou e viveu para lá da fronteira invisível do grande Mar Oceano olha

retrospectivamente para o Pico da Pedra, em São Miguel, onde nasceu, e vislumbra a pequenez das gentes encarceradas nas ilhas, contentadas com qualquer emigração económica e a canga feudal que persiste. Pedacos de gente dura e impiedosa cumprindo rituais. Intolerante, devota e invejosa na sua ânsia de emigrar. Depois, o regresso de aparência gloriosa, mas sem acarreamos na desafogada bagagem algo de valor. Apenas dinheiro e bens materiais. Sobre a sua marilha natal, diz Cristóvão

São Miguel já não é a mesma Ilha onde fui nado e criado e vivi até à arrogância dos vinte anos. Pude verificá-lo, há pouco, durante o 4.º Encontro Açoriano da Lusofonia, em que, para regozijo meu, não encontrei os costumeiros intelectuais de pacotilha, que sabem tudo quanto no Universo se passa, com retrato de pose na galeria dos imortais há muito mumificados...Nem é sequer a mesma Ilha que foi, até há poucos anos, muito nublada, já não digo por um nevoeiro absoluto, mas por alguns resquícios aparentados a certas pesporrências de má memória. Temos, porém, de convir que, durante séculos, certas forças religiosas, conluiadas com todos os poderes, foram o sustentáculo da ignorância abençoada pela trilogia Deus, Pátria e Rei de outros tempos, e Deus, Pátria e Família, do tempo de muitos de nós. Direi como Mestre Gil Vicente: E assim se fazem as cousas. Levou tempo, mas o inevitável aconteceu. Acaba sempre. O medo e outras rançosas virtudes impostos ao espírito e nele lavrado em sulcos mais ou menos profundos (nem toda a terra consente a ignomínia), com relhas enferrujadas e passadistas, têm destes percalços - no ápice de um instante imprevisto esse terreno enfastiado de tanta aridez fementida e coerciva,

súbito se devolve à sua límpida condição de húmus que favorece a estrutura do solo e do subsolo e do infra-subsolo: o consciente, o subconsciente e o inconsciente.

Cristóvão é um permanente "Passageiro em trânsito", título do seu mais benquisto livro na rota do inconformismo. É a voz ininterrupta de uma consciência coletiva que não se asfixia. Granjeou o direito a chamar os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem. É crítico impiedoso do destino que alguns queriam eterno, da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos feudais opressores da gleba.

Narrativas dissecantes que se assemelham a uma técnica de *travelling* em filmagem. Grandes planos, *zooms*, e paragens esmiuçadas nos rostos e mentes dos atores principais dos seus diários, intitulados *Relação de Bordo (trilogia)* e *A Tabuada do Tempo*. A câmara detém-se e escarpeliza a alma daqueles que filma com palavras aceradas. Dói e magoa como o vento matavacas que sopra do Nordeste. Psicanalisando as gentes e a terra que o viram nascer adotou uma nova ilha mátria, em 1996

A Ilha do Pico faz-me as vezes de mulher amada. Desvenda-se aos poucos, em erótico vagar, para se lhe descobrir os recantos e sortilégios mais íntimos. E nunca se chega, nem se precisa, ao cerne do feitiço...Meio encoberta, meio desnudada, sempre ataviada de cheiros exóticos e eróticos, faz com que se abram as narinas de cio. Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos e azuis, o cinza entorresmado de seus mistérios, seus verdes percorrendo toda

a escala cromática, vertidos na paleta primigénia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza. Sempre que caem sobre o mar do canal, cavado e furioso ou espelho de Narciso, a Ilha de São Jorge, nua e arroxeadada, a garantir mais mundo, os olhos coalham-se de espanto em face do mistério de assistirem ao primeiro dia da Criação...Não cabe no olhar a Montanha bíblica. Extravasa a humana retina. Bíblica. Acredito ter sido em seu cimo, que roça o Céu, que Moisés recebeu as Dez Tábuas da Lei. E de um penedo fez jorrar a água que saciou a sede do seu Povo

Cristóvão de Aguiar não é um autor fácil nem facilita o léxico para leitores de pacotilha. Amaldiçoado mas nunca maldito, outros o forjaram malquisto. Acossado por tudo e por todos. Exige tanto dos seus leitores como de si. As suas palavras pungentes estão gravadas visceralmente num granito alheio às ilhas que se encontra na trilogia *Relação de Bordo*.

No último volume, deparámos com uma interminável história de amor sem que os leitores enxerguem esses arroubos. Ele é o magma de que são feitas as gentes de bem. Terei encontrado o escritor neste amigo novo? Este autor que ora descobri como se o conhecesse há muito, como se tivesse sido irmão caçulo ou *compagnon de route 66 à la Jack Kérouac*, iluminando o túnel das ideias^{xv}.

Navego imerso na sua escrita tateando como um recém-nascido fora do ventre materno. Aprendo com este mestre contemporâneo da literatura de matriz açoriana. Muito apoucado me aquilato em tão ínclita companhia.

Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas Cristóvão de Aguiar, empreende uma viagem tridimensional repleta de sentidos. Confluem na escrita como lava "pahoe-hoe" (pron. *pah hoi-hoi*) de aparência viscosa mas fluida, prateada e entrançada como cordas de baleeiro. Outros autores aparentam lava tipo "A a" (*ah ah*), grossa e áspera, magma de rochas solidificadas impulsionadas.

Em Cristóvão de Aguiar nada é impelido embora por vezes se assemelhe na sua descrição e nos contornos emocionais à pedrapomes, piroclasto dominante das rochas traquíticas. A observação de qualquer pedaço de basalto revela-nos, quase sempre, a existência de *vesículas* disseminadas na rocha, de tal modo estanques, que esta pode flutuar na água por largos períodos. Resultam de gases separados do magma que, não tendo escapado para a atmosfera, ficaram aprisionados na rocha sob a forma de bolhas onde também ficam retidos *ad eternum* todos os leitores.

A escrita lávica de Cristóvão fica a boiar no nosso espairecido imaginário. Foi ela que nos instigou a rabiscar esta lamentação com o frémido ciumento dos que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente sobre os Açores. Essa a forma de amar e de ressarcir a terra que o viu nascer...As ilhas irão, um dia, desatar as grilhetas que as enjaulam no passado e Cristóvão ficará então desobrigado da tarefa hercúlea de acarrear a sua ilha como um fardo ou amor enjeitado, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas.

Dias de Melo e Daniel de Sá já foram traduzidos e "O Pastor das Casas Mortas" vai surgir em castelhano. Cristóvão não foi

traduzido. Além dele há outros escritores e poetas^{xvi} que teremos de divulgar e traduzir. Isto sim é um crime de lesa literatura. Iremos concentrar os esforços dos Colóquios em editá-lo no Brasil e tê-lo traduzido na Bulgária, Roménia, Polónia e Eslovénia.

Todos nós, meros mortais, teremos de ler os restantes e apreciar a sua universalidade, apesar da matriz açoriana que a todos permeia. Sei que incorremos numa grave omissão se não conseguirmos lançar em novos mercados e traduzir “A TABUADA DO TEMPO”, “TORGA LAVRADOR DAS LETRAS”, “MARILHA”, “RAIZ COMOVIDA”, “RELAÇÃO DE BORDO I, II, III”. Este o desafio que lanço, hoje, como um repto que ninguém recusará, estou certo.

CHRYSTELLO BRAGANÇA 2009

Um inédito para um futuro volume de Crónica Açores assim

fala de Cristóvão e da sua novel amada ilha do Pico

Isto das ilhas tem muito que se lhe diga, algumas pessoas estão de costas voltadas para o mar, como em S. Miguel, enquanto outras há que não vivem sem ele, como no Pico. JC sabe que é uma questão de tempo até começarem a zurzir nos forasteiros que, como ele, ousam opinar sobre este arquipélago. Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos. As visões críticas ou não conformadas aos cânones podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores. Vozes críticas ou arredadas dos estereótipos não abundam nem são benquistas. As elites dominantes e os poderes caciqueiros logo se insurgem. A ingratidão, vergonha e falta de patriotismo são epítetos comumente usados para denegrir os que ousam. Citam-se páginas relevantes da heroica gesta açoriana, com destaque para as guerras liberais e inúmeras desventuras de emigrantes

que triunfaram. Surgem editoriais e recensões violentas nos jornais locais. Os caixeiros-viajantes da cultura logo se arrogam o direito de defender a açorianidade ofendida. Tais declarações de repúdio raramente extrapolam os cantos do arquipélago que falar dos Açores ainda não é moda na grande capital do Império. Foi isto que, por mais de uma vez, aconteceu ao amigo de JC, o escritor Cristóvão de Aguiar.

Apodaram-no de tudo e mais alguma coisa, pois convém sempre ser mais papista que o papa. Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que da leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vate, enquanto o imperador e seu séquito distribuem viagens e mordomias. Terras pequenas, invejas grandes ou a reprodução literária do mote popular “*a minha festa é maior que a tua*”.

Para o comum dos mortais a vida prosseguiria o seu rumo, enquanto que os Açores são uma réplica miniatural da corte lisboeta. As elites não perdoam aos que não comungam da verdade única com força de dogma.

Cristóvão escreve com uma pluma incómoda. Reservou-se um papel de narrador que pensa, fala e escreve sem recorrer aos lugares comuns que tamanho gáudio causam na população. Não reivindica verdades absolutas ou duradouras, limita-se a descrever o que sente e vê.

Criaram-lhe a fama de irascível (quantas vezes com justas e fundadas razões?). JC recebera “*avisos amigos*” para tais perigos quando o convidara a estar na Lagoa (Março/Abril 2009) para o 4º encontro açoriano da lusofonia. Congratula-se que, relutantemente, Cristóvão tenha acedido. Ao longo de cinco meses trocaram correios eletrónicos e telefonemas criando uma amizade saudavelmente aberta e crítica.

JC carecia de aprender mais com esta enigmática personagem que tantos cuidados incutia aos arautos e defensores da paz podre açoriana. Como acumulara milhas, no cartão de viandante frequente, aceitara a sua hospitalidade. Uns curtos quatro dias no Pico que Cristóvão assumira como pátria segunda. Muitos dias após deixar a ilha mágica ainda reverberavam os encantos.

Deixaram a Lomba da Maia de noite pois nunca se sabe quando se encontram vacas, tratores e carros agrícolas ou, se pelo contrário, se viajará sem transtornos. O trânsito pela sete da manhã era constante. Bem distinto da calma que JC conhecera à sua chegada em 2005. Parte do novo, irritante e constante, influxo de viaturas, ligeiras e pesadas, deve-se ao empreendimento da SCUT (via rápida sem custos para o utilizador) que avança, lentamente, da Ribeirinha para o Nordeste, desbastando montes, encurtando vales, quebrando rochas milenares, alterando definitivamente a pacata paisagem da costa norte imutável ao longo de gerações. Há quem sinta nostalgicamente que este progresso avassalador destruirá paisagens milenares intocadas mas será um alívio para quem conduz do Nordeste à Ribeira Grande. Enquanto durar a construção é dinheiro vivo injetado nos locais por onde a estrada passa. A casa em frente à de JC, para venda há 4 anos, fora alugada a trabalhadores das obras. Estes irão gastar mais energia da EDA, mais água dos SMAS, indo abastecer-se no minimercado local e no café da esquina...o circuito económico do desenvolvimento alastra-se até à conclusão da obra. Este é, afinal, o ciclo de quatro décadas que a Austrália inventou para ter uma economia sempre crescente.

Era apenas dia 27 mas no aeroporto concentravam-se já cinco voos neste final de férias de Agosto, dois para Lisboa, um para o Porto, outro para o Pico e o das Flores. Apenas sete pessoas o antecediam na fila de “check-in” quando os computadores avariaram. As filas pararam por 45 minutos e rapidamente cresceram. Mais de uma centena de pessoas. O ar era irrespirável com o calor e humidade próprios da época e do local. A habitual cortesia e hospitalidade dos operadores aéreos (SATA e TAP) para com os seus clientes e passageiros levou-os a nada comunicarem sobre o acontecido. A turba acumulava-se incomodada naquela

sala que bem podia ter sido retirada dum cena de “O Passageiro em trânsito” essa opus magister do Cristóvão.

As línguas entrecruzavam-se com os idioletos dos emigrados que já (ainda?) não falavam nem português nem inglês. Numa banda desenhada os olhares atónitos dos estrangeiros surgiram acompanhados de balões com pontos de interrogação desconumais.

O silêncio imperava nos altifalantes contrastando com o alvoroço dos candidatos a viajantes. O sistema sonoro do Aeroporto Papa Paulo II, Ponta Delgada, ainda é tão arcaico que ninguém consegue entender as mensagens. Há um sexto sentido, instintos ancestrais movimentam as pessoas, umas atrás das outras, num espírito cego do carneirismo em resposta a apelos imaginados ou anúncios que a SATA nunca fez...A partida prevista para as 08.30 aconteceu pelas 10.20. Avisara o seu anfitrião cujo banho matinal nas Poças de S. Roque do Pico estava irremediavelmente arruinado.

É sempre imponente ver o avião aproximar-se do cume da montanha do Pico, 2.351 m acima do nível do mar, o mais alto de Portugal e da dorsal meso-atlântica. Medido a partir da zona abissal contígua tem quase 5.000 m de altitude. O vulcão é de existência recente (750 mil anos), e entrou em atividade pela última vez no século XVIII na ponta sueste (São João).

A Ilha estende-se por 447 km², 42 km de comprimento e 15,2 km de largura. Não se sabe a data da sua descoberta, alvitrandose que a sua colonização se terá iniciado por 1480, com gente oriunda da região norte de Portugal.

A importante vinha, que alterou a paisagem e a cultura ocidental da Ilha, foi classificada em 2004 como Património da Humanidade pela UNESCO.

Outra atividade característica da Ilha está patente no Museu dos Baleiros, nas Lajes do Pico. A caça da Baleia, desenvolvida e influenciada pela presença norte-americana, desde finais do século XVIII, está hoje transformada em viagens de observação destes cetáceos a que pomposamente se chama de “whale-watching” como se não houvesse equivalente lusófono.

A arquitetura típica local é de casario simples, branco com blocos de lava preta, que espelha a origem vulcânica da Ilha. As Lajes, São Roque e a Madalena, estão cheios de história e património, ou de atrativos naturais como a Gruta das Torres, as Furnas de Frei Matias ou o Arco do Cachorro.

A Ilha oferece gastronomia baseada em peixe e marisco, sendo famosas as caldeiradas. A saborosa carne provém dos pastos abundantes e é afamado o queijo (de São João e do Arrife), regado pelo Vinho Verdelho.

Convirá recordar qual a gesta das gentes do Pico ao longo da conturbada história da ilha que foi, durante séculos, considerada uma “quinta” da fidalguia do Faial...

Começemos pelas desgraças naturais:

1562-1564 — Erupção vulcânica na Prainha do Norte - Em 21 de Setembro de 1562, após prolongado tremor de terra, que terá durado um “terço de hora”, acompanhado de grande estrondo, & logo em hum lago, & por cinco bocas arreventou tal fogo, que delle, & de polme ardente correo huma ribeyra por espaço de huma légoa, até se meter no mar do Norte, & no mesmo mar formou, com entrada nelle de hum tiro de arcabuz, aquele grande caes de pedraria abrazada, [...] e affirma o douto Fructuoso, que foi taõ grande o fogo, que todas as mais Ilhas Terceyras se allumiaraõ com elle, & até na de São Miguel fez da escura noyte claro dia”, diz o padre António Cordeiro na sua História Insulana das Ilhas a Portugal Sugeytas no Oceano Occidental (pág. 477 edição Príncipeps).

1713-1714 — Um mau ano agrícola, a que não foi alheio o ciclone tropical de 25 de Setembro 1713, levou a que no Pico o povo comesse “socas e raízes” para sobreviver. Uma epidemia de peste provocou milhares de mortos. No Pico terão morrido 5.000 pessoas e no Faial 500.

1718 — Erupção em Sta Luzia - A 1 de Fevereiro, pelas 6 da madrugada, ouviu-se uma “espantosa trovoada que encheu de terror os hortenses” e iniciou-se uma erupção vulcânica entre Bandeiras e Santa Luzia, surgindo torrentes de lava que rapidamente formaram um extenso mistério (de Sta Luzia) que penetrou mar adentro.

1720 — Erupção no Soldão, Lajes do Pico - A 10 de Julho iniciou-se por “dezasseis bocas nas faldas do Pico, por detrás do cabeça do Soldão” uma erupção que “inundou de fogo” uma légua quadrada, consumindo terras e vinhedos e destruindo 30 casas. A erupção foi precedida de numerosos sismos e perdurou até Dez.º.

1744 — Ciclone tropical causa grandes cheias - A 5 de Outubro “caíram nestas ilhas copiosíssimas chuvas que inundaram as terras correndo em caudalosas ribeiras”. Na Prainha do Galeão (Pico) morreram 7 pessoas arrastadas ao mar; na Prainha do Norte (Pico) morreram 6 e outras 5 pereceram em São Roque.

1745-1746 — Mau ano agrícola provoca fome e emigração em massa – como resultado das cheias de 1744 e do mau ano agrícola que se seguiu, em 1746 faltaram os cereais, havendo fome generalizada. No Pico, o povo “recorreu a socas e raízes e faltando-lhe esse mísero alimento emigrou para as mais ilhas”. Em resultado da desnutrição grassavam as doenças, fazendo grande mortandade. Por alvará régio foi autorizada a emigração para o Brasil, tendo partido pelo menos 1600 pessoas.

1757 — Grande terramoto de São Jorge - Em 9 de Julho de 1757 resultou um maremoto que atingiu todo o Grupo Central.

Pelo menos 11 pessoas morreram no Pico. “O terramoto foi tal que a norte desta ilha, distância de 100 braças, pouco mais, se levantaram dezoito ilhotas, umas maiores que outras. Apareceram todas na manhã do dia 10 [de Julho]. É navegável o mar entre as ditas, e a ilha.

1963 — Crise sísmica e erupção submarina frente a Santa Luzia - Entre os dias 12 e 15 de Dezembro um tremor vulcânico com foco ao largo do Cachorro, Sta Luzia, na costa norte. O tremor foi contínuo nos dias 13 e 14 de Dezembro. A 15, com bom tempo e boa visibilidade, pessoas do Faial e Pico avistaram “bolas ou nuvens de vapor” saindo do mar frente ao Cachorro. Não foi recolhido qualquer material e o fenómeno não voltou a ser avistado, não se registando quaisquer danos.

1973 — Crise sísmica no Pico e Faial - A partir de 11 de Outubro começaram a ser sentidos numerosos sismos nas ilhas do Pico, Faial e São Jorge, com destaque para o lugar da Terra do Pão, no Pico. A 23 de Novembro, pelas 12 h 36 min registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Santo António. O sismo provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, nas freguesias de Bandeiras, Santa Luzia, Santo António, e São Roque, na costa norte e São Mateus, na costa sul do Pico.

1998 — Sismo de 9 de Julho, Faial, Pico e São Jorge - Pelas 5:19 da madrugada um sismo de magnitude 5,6 na escala de Richter com epicentro a NNE da ilha do Faial Também atingidas foram várias localidades da ilha do Pico.

Reza a história que Frei Pedro Gigante, primeiro pároco da ilha, plantou as primeiras videiras no lugar de Silveira, vindas da Madeira dizem uns, ou de Chipre dizem outros. Há relatos que dizem que a plantação de vinhas se estendeu para sul (Santa Bárbara) e norte (Prainha do Norte). A comunidade do Faial iniciou o ciclo do vinho

verdelho, plantando bacelos de vinha nas rochas de lava, tendo obtido bons resultados com boas parreiras e uvas de qualidade. Os habitantes trabalharam arduamente e à força de barra de ferro e marrões, quebraram a lava, abriram covas onde colocaram terra para plantar vinha obtendo um vinho muito bom e de grande teor alcoólico. A plantação das vinhas era feita a partir da costa desabrigada, estando sujeitas ao rossio de água salgada entre os meses de Abril e Junho. Para combater o problema e amanhar a lava retirada para a plantação dos bacelos, assistiu-se a outra tarefa gigantesca: a construção de muros de pedra solta com um metro de altura.

*Tendo em conta a orientação predominante dos rossios do mar foram-se construindo paredes com cinquenta metros de comprimento, paralelas umas às outras, distando entre si dois a três metros, terminando junto a uma vereda transversal, a **servidão**. A área entre duas servidões paralelas e contíguas chamava-se “**Jarrão**”. Em cada canada construíram muros transversais, “**traveses**” que distavam entre si cinco metros e em que de um dos lados não chegava à parede da canada, dando lugar a uma passagem, a “**bocaina**” sendo colocadas em posições alternadas para maior proteção dos ventos. O espaço na canada entre dois “traveses” contíguos chamava-se **curral**.*

Produziam-se mais de duas mil pipas de vinho por ano no final do séc. XVI. A produção foi crescendo. Relatos do clero exageradamente citam que a produção chegou às trinta mil pipas. É nesta época áurea que os proprietários, quase todos do Faial, constroem os solares junto à costa, verdadeiras casas de veraneio, com armazéns, lagares e alambiques. Foram construídos, em todos eles, poços de maré para fazer face à falta de água. Também se construíram em lugares públicos, para permitir à população o abastecimento de água, nomeadamente no verão. A tarefa não era fácil pois as casas situavam-se acima das áreas das vinhas e distantes da costa onde se situavam os poços. Neste período construíram-se pequenos portos ou embarcadouros, junto aos

locais onde se produzia vinho. Para lá chegar foi necessário aplanar as rochas para levar o vinho, a essas construções chamaram-lhes “**rola-pipas**”. A quase totalidade do vinho produzido era transportada para o Faial em pequenos barcos, até ao fim do verão, aproveitando os mares calmos. Ali ficavam armazenados até à exportação para o norte da Europa, Índias Ocidentais, América do Norte ou Brasil. Uma das mais importantes casas do Faial na exportação do vinho do Pico foi a “De Sobradello & Co”. No século XIX a casa Dabney foi outro grande exportador do vinho e a que mais contribuiu para que o vinho fosse pago a um preço mais justo para o produtor.

No ano de 1460 foi concedida a Álvaro Ornelas, capitão donatário da Madeira, a carta de primeiro capitão donatário do Pico, cabendo-lhe a responsabilidade pelo seu povoamento.

Nunca demonstrou interesse pela ilha, sabendo-a inóspita e por viver na Madeira. Houve duas abordagens à ilha, uma pelo sul, Lajes em 1460, e outra pelo norte, São Roque, em 1470. A zona oeste continuou totalmente desabitada, coberta por um manto de lava sem terra cultivável, nem água que permitisse abastecer quem lá se quisesse instalar. Entre São Mateus e Santa Luzia não havia qualquer ribeira.

O flamengo Jos Dutra, capitão donatário do Faial, pediu à coroa portuguesa a carta de capitão donatário para o Pico, concedida em 1482, tornando-se assim, no segundo capitão donatário e organizou o primeiro grupo de povoadores, em São Mateus. Para que os primeiros colonos cultivassem as terras foi necessário desbastar densos arvoredos ancestrais que proporcionavam matéria-prima para exportação e para construção naval (especialmente o cedro).

O cultivo de cereais, sobretudo o trigo, e a criação de gado foram, durante séculos, as atividades predominantes. A produção de pastel e a sua industrialização para exportação destinada a tinturaria também desempenhou um papel relevante na economia do arquipélago nos

primeiros tempos da colonização, atingindo o auge quando a cana-de-açúcar (sem grandes resultados económicos) e o trigo entraram em decadência.

No século XVII, as matérias-primas tintureiras foram substituídas pelo linho e laranjas. Foi também introduzido o milho, para melhoria alimentar da população e para apoio à pecuária. A exportação de laranjas surgiu já no século XVIII, quando foi introduzida a batata. Em finais de Setecentos, regista-se o início da expressiva e emblemática atividade económica açoriana: a caça ao cachalote. No séc. XVIII, os Açores tinham uma população suficientemente grande para que a Coroa incentivasse a emigração para terras brasileiras.

Em 1852 um pó branco cobriu totalmente as uvas, desde a floração até à maturação, destruindo-as inteiramente e alastrando a todas as vinhas. A produção caiu para uma centena de pipas. As casas ricas do Faial, cuja fonte de rendimento era o vinho, viram-se obrigadas a vender as vinhas ao desbarato. Passou-se do pequeno latifúndio para o minifúndio. Os trabalhadores perderam os rendimentos ficando sem dinheiro para comprar os cereais do Faial, para a sua alimentação. Assim, se empreendeu nova proeza, a de desmanchar terras, partindo e separando a pedra, fazendo pequenas hortas e serrados, onde se cultivava milho, batata, inhame, etc. Amontoou-se a pedra de forma organizada em enormes “**maroiços/marouços**”, autênticos monumentos num rendilhado de paredes.

Diz Susana Goulart Costa (Universidade dos Açores <http://www.inventario.iacultura.pt/pico/s-roque/historia.html>)

Nos finais do séc. XV, surge nas Lajes o primeiro município e em meados do séc. XVI, a norte da ilha, S. Roque. Em 1542, os habitantes pedem ao rei D. João III a criação da segunda vila, apresentando-lhe a "opressão que os moradores das freguesias de N. Sra. d’Ajuda e de São Roque da banda do norte recebiam em ser mal providos de justiça por os ditos lugares serem longe da vila das Lages de cuja jurisdição eram e o caminho ser muito

mau de montanha e serra áspera e se faziam muitos males e roubos em suas terra por a justiça da dita vila não poder a isso acudir a tempo..."

A população era de 3432 (1600), e 8720 (1700) com aumento relevante em S. Roque. Do séc. XVI para o XVII, surgem cinco novas freguesias, quatro no novo município: Sta Luzia, Sto António, Sto Amaro e Bandeiras. Em 1871, S. Roque possui 6674 pessoas, Lajes 9733 e a Madalena 9025.

Importante foi o contributo de povoadores portugueses na organização da sociedade, transplantando-se a organização social reinol: uma pequena nobreza, que se distingue pela posse de terras; uma forte presença do clero secular e regular (franciscanos); e um terceiro grupo, de mercadores, artifices, trabalhadores rurais e artesãos.

Há presença de judeus, comprovada nas Lajes, nos inícios do século XVI e na Madalena, no século XIX; e de escravos para o trabalho rural e doméstico. Ao longo do tempo foram-se misturando com a população, deixando de constituir um grupo identificável. Desta amálgama se formou o carácter picoense.

Na Regeneração, as reformas na contribuição predial geraram levantamentos populares protagonizados por mulheres. Perante estes "barulhos", o poder central enviou uma esquadra do continente para acalmar os levantamentos femininos na Candelária e na Madalena.

A respeito desta recente paixão pelo Pico a Rosário Girão compilara os seguintes textos que enviara a JC numa partilha literária incomum:

"Sopraram sobre a ilha os ventos da mudança, seguidos de pássaros metálicos que têm pousado para as bandas das Lajes; mas o iate arrimado ao Porto de Pipas prolonga o cirandar periclitante dos barcos do Pico através do Arquipélago. São ousados e de pouca segurança técnica, os iates, e mesmo assim

raramente enjeitam carga. Têm mastros e motor, [...] Navegam num passado recente igual ao meu presente e resistem às leis ditadas por senhores engravatados em gabinetes sem horizontes." (Garcia, José Martins, *O Medo, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Coleção Gaivota/25, 1982, pp. 11-12*).

"A montanha, pano de fundo de variado colorido, caprichava no moldar das nuvens. No Inverno cobria-se de neve até aos baldios. E em raras tardes límpidas de Verão, anilava-se de encontro à abobada. Muita gente jurava ter avistado em madrugadas serenas uma coluna de fumo a emergir da cratera, embora os mais Sábios falassem dum vulcão extinto e remetessem para um passado efetivamente findo os grandes arrotos de lava." (GARCIA, José Martins, *A Fome. Lisboa, Edições Salamandra, col. "Garajau", 2ª edição, 1978, p. 12*).

"Pela primeira vez reparei na ameaça instalada no cimo do Pico. A montanha não era essencialmente a beleza, como certas fotografias nos davam a entender. Era, sim, um rosto autoritário, guardando o segredo da próxima erupção. Metia medo sob a luz leitosa das manhãs. Vivíamos, no Pico, de costas voltadas para a montanha. Vista do Faial, cara a cara, a montanha parecia uma permanente ameaça. Talvez por medo inconsciente se falasse tanto dos fins dos tempos. [...] E contudo, na tarde límpida, o cume anilado do Pico parecia sorrir, bondoso. Deus e o Diabo podiam bem revezar-se no comando dos nossos destinos, consoante as flutuações do segredo da montanha." (GARCIA, José Martins, *Contrabando original. Lisboa, Edições Salamandra, col. "Garajau", 1997, 2ª edição, pp. 85-86*).

"Ao dobrarem, já com umas duas horas a navegar, o Castelete, do lado Leste da vila, que domina, surge-lhes, para além do casario

*dos povoados, a majestade assombrosa da Montanha, toda branca de neve que a cobre, sempre a mudar de aspeto enquanto deixando para trás as Lajes com sua fidalguia de pataco, atravessam a longa Baía da Vila, passam, ao largo, pelo porto de S. João queijeiro, adiante pela Terra do Pão, depois pela afamada Baía da Prainha do Galeão, a seguir abicam à lendária Ponta de Santa Catarina, não sei se também chamada Ponta do Espartel, com isto entram em águas de S. Mateus, o grosso da freguesia um tanto arredada mais para o interior, aqui a Montanha, de que se não avista o cume, como que se torna uma inimaginável mole a querer sobre ela se abater e esmagá-la, e logo estão a entrar no porto. O pequeno porto de S. Mateus. [...] Foram. No céu limpo de nuvens havia sol. Na terra calor. Viria só dele, do Sol, ou também refletido pelo colosso da Montanha com o Sol entretanto aquecida?” (MELO, José Dias de, *A montanha cobria-se de negro. Ponta Delgada, Ver Açor, Lda, 2008, pp. 143-144-170*).*

“Era um lastro de mistério:
pedra ardida
preta e roxa.
Mas o homem, esse tal
Fernão Alvres Evangelho
e os que vieram após,
com seu saber de flamengos,
‘Vai ou racha’ – portugueses,
e hábeis mãos de italianos,
dos tufos fizeram terra
e, sem milagre nenhum,
semeando e aplantando
multiplicaram por mil
as sementes e as estacas
na casca daquele invento,
para as covas e os tonéis. [...]

Antes, e continuando
sem mais nomes sobre os feitos,
darei que feito o milagre
(e cá me torna a palavra!)
de mudar em terra pedras,
o Picaroto (assim mesmo)
desceu às praias do mar,
que são negrume, calhau,
fez-se à água, navegou-a,
foi de ilha em ilha, passou
para lá dos pegos delas:
longes de longes nos olhos
e mais nos calos das mãos: [...]
... E não acabo – não posso! –
a conta dos contos idos,
mais d’agora e que hão-de vir,
desta gente picarota
feita de lava e salmouras,
mole na fala, de ferro
nos arriscos do trabalho.
Não posso, não há palavras! [...]”
(cf. SILVEIRA, Pedro da, *fui ao mar buscar laranjas, “Diário de Bordo”, “Costeando o Pico”, pp. 167-168-169*).

Esta era, aliás, a história que já aprendera JC em visitas anteriores. Levantou a viatura de aluguer no aeroporto, depois de ter tomado um café indistinto no bar local, pachorrento como as vacas picoenses, enquanto se ajustava ao calor e humidade. Meteu-se a caminho por essas boas estradas que a ilha do Pico tem. Fazem inveja às restantes ilhas, pois nenhuma foi bafejada com tanta reta asfaltada. A maior terá mais de nove quilómetros... Apesar de apenas ter estado por duas vezes na ilha sentiu que esta era uma velha conhecida e o mapa continuou guardado na pasta dos documentos. Foi almoçar ao Clube Naval de São

Roque com um bom serviço de “buffet” ao preço de sete euros e café incluído.

O Cristóvão de Aguiar proclamou-se guia e levou-o às Lajes do Pico onde se celebrava mais uma “Semana dos Baleeiros” normalmente após a “Semana do Mar” na Horta. Tivera JC de mudar a opinião sobre as Lajes logo que visitou o que resta das muralhas do forte (ora reconstruídas e aproveitadas como espaço turístico) e o Centro de Artes e Ciências do Mar (instalado na antiga fábrica da baleia SIBIL, equipamento industrial que se dedicou à transformação dos grandes cetáceos em óleos e farinhas).

Havia lá uma moderna livraria, a única digna desse nome nas ilhas do triângulo. Nela encontrou inúmeros livros para acrescentar à coleção de autores açorianos. Para sua surpresa estava lá o último livro do autor, incluído na “literatura açoriana”.

Em amena cavaqueira dizia ao Cristóvão que este tinha conseguido algo que JC almejava, ver alguém a ler um livro seu, sem ser da família ou por cortesia e conveniência. Foi então que a jovem funcionária, Cláudia, de sua graça, declarou que tinha adquirido o livro “CHRÓNICAÇORES: uma circum-navegação” e estava a lê-lo em casa. Aproveitou para lhe autografar outra cópia, com o ego exultante por estar ao lado dum célebre autor e ser JC a autografar o primeiro volume da sua pretenciosa trilogia. Claro está que após este incidente, as Lajes do Pico pareceram mais bonitas, mais soalheiras e convidativas do que nas visitas anteriores.

Viu ainda a expansão do Museu instalado nas três casas originais de botes do séc. XIX. Este Museu dos Baleeiros é o único na Europa. Além de expor uma interessante coleção de "scrimshaw" tem uma pequena biblioteca com documentos, mapas, cópias de livros de bordo e ainda uma "tenda de ferreiro"

onde é possível aprender como eram fabricados diversos utensílios metálicos usados na caça da baleia.

Sentaram-se numa esplanada na marginal a desedentarem-se enquanto se punha a conversa em dia, antes de subirem ao Alto da Rocha do Canto da Baía para visitar a “Cabana do Pai Tomás”. Satisfiz assim a curiosidade de visitar a casa de Dias de Melo. Nas viagens anteriores ainda não conhecia o autor. Ali, espartanamente vivera, numa casa pequena e humilde mas que fora recentemente telhada. Notou o desconforto de uma minúscula casa de banho exterior no piso térreo. Em cima, o autor dormia, comia e escrevia. Do pátio exterior avistava-se a imensa mancha de Mar Oceano pontuada pelo pequeno farol da Calheta de Nesquim que serviria de inspiração a tantos dos seus livros.

Em linguagem cinematográfica chama-se a isto um “fast-forward” em que se rebobina a imagem e se passa adiante. Após 4 dias de convívio intenso e aprendizagem ilimitada na ilha do Pico, estava JC em posição de aceitar que Cristóvão tinha razão ao afirmar o que afirmava sobre a literatura açoriana...

Depois de ler quase todas as obras de Dias de Melo, salvavam-se os das baleias, outro livro mais intimista como “À Boquinha da Noite (2001) e pouco mais. Lera e detestara “O Menino deixou de ser menino” (1995) e “Pena dela, saudades de mim” (1994) dum neorrealismo primário e básico que nada tem a ver com os livros mais antigos sobre os baleeiros.

Também Onésimo fora um desapontamento como escritor, como croniqueiro eram notáveis as inúmeras piadas que sempre o caracterizaram, beneficiando da fama e do apoio das instâncias oficiais e da clique local. Nesta se incluem nomes menores da literatura local que se adoram e veneram mutuamente.

Daniel de Sá tem talvez como uma das suas melhores obras, a novela “O Pastor das Casas Mortas” e obras mais antigas (sobretudo “Ilha

grande fechada” (1992, 2ª ed. 2010)). Excluía JC a sua obra religiosa por razões óbvias, não a podia apreciar. Ressalvava bons textos que traduzira, nos últimos anos, em livros ou guias de turismo como “Santa Maria Ilha-Mãe”, “S. Miguel, a ilha esculpida” e a “Terceira, Ilha dos Bravos”.

Entretanto, JC lera outros poetas e escritores açorianos espantosos de quem poucos falavam. Martins Garcia era um deles...

O problema é que sem querer metera-se JC (e aos Colóquios) numa toca de lobos de interesse esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias. Ora bem, a sua autocritica ao fim de 4 dias perante o Cristóvão, escritor maldito e malquisto nas hostes açorianas, era a seguinte: embandeirara JC em arco, louvando exageradamente, adjetivando em excesso e elevando aos píncaros Dias de Melo, João de Melo, Onésimo de Almeida, Daniel de Sá e Cristóvão de Aguiar, sem conhecer os restantes e sem separar o trigo do joio.

Gostava JC do Cristóvão, do Daniel e do Onésimo. De todos era amigo mas existiam outros autores para desvendar

De dezenas de autores, lidos e folheados, a maioria não tinha a tal qualidade de que Cristóvão tanto falava. Sendo JC um forasteiro deixara-se iludir pela açorianidade, pela beleza narrativa das ilhas e de seus costumes ancestrais. Embalara-se no canto das suas sereias.

“O Pastor das Casas Mortas” fora já traduzido por JC para inglês, a que em breve se seguirá a tradução para castelhano. Dias de Melo até para japonês já fora traduzido. Cristóvão ainda não. Nem outros escritores e poetas que o mereciam. Um crime de lesa literatura. Iria JC concentrar os esforços dos colóquios para os editar no Brasil e traduzi-los. Teria de ler os restantes para apreciar a sua universalidade, além da matriz açoriana que a todos permeia. Sabia agora que incorrera juntamente com Zélia

Borges, Dina Ferreira e Rosário Girão, numa possível falácia de tomar a nuvem por Juno e louvaminhado em excesso os autores que os colóquios divulgaram.

Teriam de ser mais parcios nos encómios sob pena de descredibilizar os colóquios que tão prontamente se ergueram como paladinos da literatura de matriz açoriana. Dias de Melo e Daniel de Sá já têm gente a traduzi-los e divulgá-los em vários quadrantes, falta agora fazer o mesmo para Cristóvão de Aguiar, um escritor universal com uma vastíssima obra.

Em Bragança no 8º Colóquio iria iniciar uma campanha para o traduzir (Bulgária, Roménia, Polónia, Eslovénia). No Brasil tentaria quem o quisesse editar. Iria tentar a editora Almedina, no Brasil, para apresentar no 5º Encontro da Lusofonia, edições de “Tabuada do Tempo” e de “Torga Lavrador das Letras” do Cristóvão de Aguiar. A Almedina deveria editar no Brasil estes e outros livros pois não há direitos de editora para a maior parte deles. Se pudesse concentrar esforços talvez conseguisse algo.

Regressa a narrativa, de novo, à ilha para contar que além de ter visto as lagoas todas com mais calma, ficara assustado com a eutrofização delas (exceção feita à do Capitão). Mais aturdido ficara ao ver totalmente seca a mais bela de todas: a do Paul, mirrada, sem as manifestações espontâneas de árvores endémicas como espigos-de-cedro (*Arceuthobium Azorica*) nas suas margens e onde dantes havia água pastavam agora uns três cavalos. Fora lá que JC fotografara a que considerava uma das suas melhores imagens de 35 anos de fotografia.

Na Lagoa seguinte, a do Peixinho além de umas trinta vacas se dessedentarem havia um autotanque de agricultores a retirar a parca água que restava. Como havia seca os agricultores tinham de lá ir abastecer-se. Com umas boas chuvadas tudo

voltava ao normal. Não acreditou, pois a eutrofização não se deve resolver com umas chuvadas. Ficava triste. As autoridades deveriam preservar as lagoas para turista ver. Andam tão empenhados em aumentar o número de turistas e esquecem-se que nem todos vão escalar a mais alta montanha de Portugal. Infelizmente, dias depois, era anunciado que os lavradores poderiam começar a retirar a água da Lagoa do Capitão.

No segundo dia da estadia, abusando da paciência do Cristóvão que as conhecia e não queria visitar de novo (ficou no ar condicionado da receção das grutas à espera), descera JC às catacumbas do vulcão do Pico. Conhecida pela altura e beleza do Pico que lhe deu nome e das paisagens que se desfrutavam do alto das suas vertentes, a Ilha tem na Gruta das Torres o verdadeiro contraponto das alturas e um atrativo não menos pitoresco.

Durante a visita, não deixe de reparar no projeto arquitetónico do Centro de Apoio aos Visitantes. Graças às suas características inovadoras, foi selecionado para o prémio oficial da União Europeia em parceria com a Fundação Mies van der Rohe de Barcelona, "European Union Prize for Contemporary Architecture Mies van der Rohe Award 2007".

As Grutas da Torre estavam fechadas aquando da sua última estadia no natal de 2007. Apenas 500 metros estão abertos ao público. Em boa hora as visitara. Não vira as trilobites, ou descendentes, de tamanhos não observáveis a olho nu. Todos os minutos foram de uma descomunal aprendizagem e de algum temor. Há rochas enormes prestes a descolarem do teto. Uma visita surreal que parecia retirada de uma cena do filme "À procura da arca perdida" sendo os visitantes os "salteadores". O momento culminante foi quando se apagaram as lanternas de mão e as luzes do capacete de mineiro. Ficaram trinta segundos à luz natural daquele enorme tubo lávico. As cores, as formas

e a explicação científica da jovem guia ajudaram a perceber a formação daquele e doutros vulcões. O interior é rico em formações e estalagmites lávicas, bancadas laterais, *lava balls*, paredes estriadas e lavas encordoadas.

Estas visitas fazem sentir a pequena dimensão humana face à natureza mãe que tudo cria e destrói. A Gruta localiza-se à saída da Criação Velha (Madalena) na encosta ocidental da Montanha.

*O sistema formou-se quando a lava **pahoe-hoe** desceu do cone parasítico do Cabeço Bravo entre 500 e 1500 anos. São um conjunto interligado de tubos lávicos que transportaram a lava pahoe-hoe e a lava **aa** em épocas distintas. Trata-se da maior gruta açoriana (5 439 metros) com uma altura que chega a atingir 15 metros na entrada que se faz por um algar.*

O Governo declarou-as monumento regional (Março 2004), um ano antes de abrirem ao público. Não se fizeram os reconhecimentos dos restantes quilómetros mas dentro de dois anos podem abrir mais um segmento.

Lava pahoe-hoe – é uma lava mais fluida, os seus gases estão menos dissolvidos e flui mais rapidamente, esse tipo de lava formou os lajidos. Na gruta também verifica uma escoada lávica do tipo pahoe-hoe que tem 7 metros de dimensão bastante visível as características deste tipo de lava, esta ocorreu na parte final da formação do túnel.

Lava AA (Biscoito) – este tipo de lava está associado ao final da erupção, é um tipo de lava muito viscoso, tem muitos gases dissolvidos com uma temperatura não muito elevada e vem um pouco como cascalho.

Por instantes foi preciso rastejar tendo em atenção a cabeça e os membros inferiores desnudos para evitar o contacto com os dilacerantes "biscoitos". O interior é rico em estalactites e estalagmites de lava.

A estalactite tubular é um pingo de lava normal que sofre uma fusão de gases ou de vapor de água; depois começa a esticar, até ficar fina e oca por dentro, daí a sua fragilidade. As estalagmites lávicas formam-se a partir das tubulares.

O solo natural da gruta é formado por blocos irregulares e soltos que caíram do teto sendo constituídos por lavas de vários tipos. A gruta encontra-se muito bem preservada. As paredes estão revestidas por óxidos de sílica nalgumas zonas. As estalactites vermelhas são uma bagacina vermelha formada por piroclásticos com erupções estrombolianas, onde são dissolvidos bastantes gases e muito ferro. Na gruta, existem duas espécies de animais:’

Trecus Picoensis (espécie de escaravelho) – endémico das grutas mas é muito difícil vê-lo porque vive sob as pedras.

Cicus Azopicaias (espécie de cigarra) – vive nas raízes das plantas.

Faltava ainda ver duas coisas, e uma delas não a conseguiria encontrar apesar de ter perguntado aos locais: a Furna de Frei Matias.

Andara em círculos e em ziguezague por estradas de terra e de asfalto, seguira as placas indicativas e as orientações mas faltou encontrar uma placa azul que seria o “Abre-te Sésamo” para o levar ao local que todos garantem merecer visita obrigatória. Na última manhã abdicara doutras atividades para fazer mais uma tentativa mas apenas consumira gasolina e anidrido carbónico sem resultados.

O restante tempo, dias, tardes e noites picoenses foram ocupados com leituras, discussões e uma enorme aprendizagem. Surgiam em catadupa nomes e obras dos últimos quarenta anos sobre os Açores. Os autores eram açorianos, descendentes, emigrados e outros. JC admitia “*mea culpa*”. Talvez não existisse “*literatura açoriana*” per se mas sim uma literatura de matriz açoriana.

Muito descobrira naqueles dias com essa enciclopédia devoradora de conhecimentos e de livros que é o escritor Cristóvão de Aguiar, convidado especial do 8º Colóquio Anual da Lusofonia em Bragança. Espera-se que ele possa ajudar com tão vastos conhecimentos para que a cadeira de Estudos Açorianos criada pelos Colóquios e pela Rosário Girão, na Universidade do Minho, sejam um sucesso.

Não ficaria bem numa crónica deste género acrescentar algo mais que não fossem pequenas notas de viagem como a seguir se explicitam. As gentes do Pico afáveis e hospitaleiras como nas restantes ilhas que já visitaram.

Um incidente ao almoço num restaurante da Prainha leva a algumas interrogações. Domingo. Salão com todas as mesas ocupadas, mais o andar de baixo. Restavam duas mesas ao ar livre. Uma funcionária veio servi-los. Pelo sotaque era descendente de africanos escravos no Brasil. Disse ser de Pernambuco, que se apaixonara por um Picaroto e em má hora para ali fora viver. Sem rodeios afirmou que os locais eram racistas tratando mal os de fora e desdenhando dos que aceitam empregos que os da terra recusam.

JC já afirmara antes que os portugueses eram preconceituosos, racistas quanto à cor e origem dos que com eles se cruzam, olvidados que andam das suas origens e dos seus percursos pelo mundo.

A viagem desta jovem seria um tema interessante para desenvolver. Podia-se fantasiar que em frente a um globo terrestre se interrogara para onde ir. Uma terra começada com a letra “P”. O dedo mindinho que tudo sabe caíra no meio do oceano. Sob a lupa via uns pequenos pontos de terra. Neles estava inscrito o nome Pico. E também Prainha. Ambos

começados por “P”. Uma viagem de navegação curiosa entre Pernambuco – Pico – Prainha.

Mas são esses mesmos portugueses que sempre denotaram um invulgar caráter e inventividade.

Atualmente, é proibido por força de lei, anunciar nas viaturas particulares que as mesmas estão à venda. Pois bem, na longínqua ilha, afastada dos centros de poder inventaram uma nova modalidade comercial “**TROCO POR EUROS**”. Não infringem a lei pois não vendem a viatura nem anunciam a venda. Apenas a trocam por euros. A troca não é proibida. JC saíra do restaurante devastado pela mácula nas gentes da Prainha face à compatriota que ali arribara mas simultaneamente enternecido pela invenção da “troca por euros”.

Ao chegar e parando no café Refúgio, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ofereceram-lhe graciosamente um último café por ser o último que ali tomava. Andados uns passos rumo à casa do escritor deparara com uma camioneta de passageiros estacionada aguardando o começo de nova semana para voltar a trabalhar.

Acorrera-lhe a ideia peregrina de como seria uma aventura “pedir emprestada” a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não seriam cobrados bilhetes. Pararia em todos os locais, podendo deter-se para que fossem contadas as histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

Assim se despedia JC da ilha prometendo voltar um dia, com mais tempo. Voltaria para alugar casa por um mês inteiro e visitar as ilhas ainda desconhecidas pelo navegador sem barco (Graciosa, Flores, Corvo). Há qualquer coisa de mágico, um íman secreto, que atrai e o faz

querer viver naquele vulcão. Talvez seja a vontade de ouvir as histórias dos passageiros da camioneta sem rumo. JC terá de consultar um especialista para se tratar desta sua eterna infidelidade, cada nova ilha se transforma em amor, paixão ardente, desejo irreprimido.

“A estrada para o inferno é pavimentada de advérbios”
Mark Twain (1835-1910), escritor norte-americano

ⁱ **Gaspar Frutuoso (1522-1591, historiador); o conde de Ávila, marquês e duque de Bolama; Manuel de Arriaga (1840-1917), Antero de Quental (1842 -1891 filósofo e poeta); Teófilo Braga (1843 -1924 escritor e presidente da República); Roberto Ivens (1850-1898 militar e explorador); Tomás Borba (1867-1950, mestre de quase todos os melhores compositores portugueses do século XX.); Francisco de Lacerda, (1869-1934, musicólogo, compositor e maestro); Canto da Maya (1890 -1981 escultor) que passou a vida em Paris; Domingos Rebelo (1891-1975 pintor); Vitorino Nemésio (1901-1978 escritor, (poeta, crítico, ensaísta, comunicador); António Dacosta, terçieirense (1914 -1990 pintor), poeta da escola surrealista, viveu longo tempo em Paris, Carlos Wallenstein (1926-1990), escritor, ator, cujas obras completas foram publicadas na Salamandra. Outro pintor micalense, que acabou os seus dias em Oeiras, foi Victor Câmaraⁱ (1921-1998), o mais fiel discípulo de Domingos Rebelo, representado no Museu Carlos Machado, tendo, em Oeiras, se dedicado ao retrato; Carlos Carreiro (n 1946-), expressionista, com cores vivas, grande pintor, professor nas Belas Artes no Porto.**

ⁱⁱ http://lusofonia.com.sapo.pt/acoress/acorrianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11

ⁱⁱⁱ BRASIL, Luiz Antonio de Assis. Escritos açorianos: a viagem de retorno - tópicos acerca da narrativa açoreana pós-25 de abril. Lisboa: Salamandra, 2003, p. 14.

^{iv} RIBEIRO, Lúcia Helena M. A questão da identidade da terra: a ideia de permanência na obra *Contrabando Original*, de José Martins Garcia. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, 1996.

^v O Centenário (1963) (poesia); Esperança-21 (1969) (peça de teatro); Cérebros do Grande Público (1970) (ensaio)

Da Vida Quotidiana na Lusândia (1975) (estudo); José Rodrigues Miguéis/Portugal in *Manhattan* (1983) (ensaio)

A Questão da Literatura Açoriana (1983) (ensaio); (Sapa)teia Americana (1983) (contos); Mensagem - Uma Tentativa de Reinterpretação (1987) (ensaio); Açores, Açorianos e Açorianidade (1989) (ensaio)

^{vi} **Outras obras de referência do autor:** (1975), *Lugar de Massacre*. Lisboa, Afrodite. (1978), *Vitorino Nemésio, a obra e o homem*. Lisboa, Arcádia. (1978), *A Fome*. Lisboa, Afrodite. (1982), *Imitação da Morte*. Lisboa, Moraes. (1984), *Invocação a um Poeta e outros poemas*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. (1985), *Fernando Pessoa: “coração despedaçado”*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. (1986), *Temporal*. Providence, Gávea Brown. (1987), *Contrabando Original*.

Lisboa, Vega. (1988), *Vitorino Nemésio – à luz do Verbo*. Lisboa, Vega. (1990), *Memória da Terra*. Lisboa, Vega. (1996), *No Crescer dos Dias*. Lisboa, Salamandra. (1999), *(quase) teóricos e malditos*. Lisboa, Salamandra. **Ensaio:** (1987), *Para uma Literatura Açoriana*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. (1987), *David Mourão-Ferreira/ /Narrador*. Lisboa, Vega. (1995), *Exercício da Crítica*. Lisboa, Salamandra. **Conto:** (1978), *Receitas para Fritar a Humanidade*. Lisboa, Edições Montanha. (1979), *Morrer Devagar*. Lisboa, Arcádia. (1987), *Contos Infernais*. Ponta Delgada, Brumarte. (1992), *Katafaraum Ressurrecto*. S.I., M. Garcia. **Teatro:** (1987), *Domiciano*, Angra do Heroísmo, Direção Regional de Assuntos Culturais (Prémio Armando Côrtes-Rodrigues, da SREC).

^{vii} Jornal *Signo*, 30/9/1987

^{viii} Edição Quetzal

^{ix} Edição Quetzal

^x Diretor do Centro de Estudos do Mar nas Lajes do Pico

^{xi} Prólogo e organização de Carlos Bessa

^{xii} *Oriana ou o nome das Coisas*

^{xiii} 2.ª Ed. Salamandra

^{xiv} **Poesia:** *MÃOS VAZIAS; ED. DO AUTOR, COM A CHANCELA DA LIVRARIA ALMEDINA, COIMBRA, 1965, O PÃO DA PALAVRA; CANCIONEIRO VÉRTICE, COIMBRA, 1977, SONETOS DE AMOR ILHÉU; ED. DO AUTOR, COIMBRA, 1992*

Prosa:

Breve Memória Histórica da Faculdade de Ciências (II Centenário da Reforma Pombalina), Coimbra, 1972

Alguns Dados sobre a Emigração Açoriana; Separata da Revista *Vértice*, Coimbra, 1976

Raiz Comovida (A Semente e a Seiva; 1.ª ed. Coimbra 1978 (Prémio Ricardo Malheiros Academia de Ciências Lisboa)

Raiz Comovida II (Vindima de Fogo); 1.ª ed. Coimbra, 1979

Raiz Comovida III (O Fruto e o Sonho); 1.ª ed. Angra do Heroísmo, SREC, 1981

Raiz Comovida (Trilogia Romanesca); revista e remodelada num volume, Editorial Caminho, Lisboa, 1987, Edições D. Quixote, Lisboa, 2003

Ciclone de Setembro; (Romance ou o que lhe queiram chamar), Editorial Caminho, Lisboa, 1985, incluído agora no romance *Marilha*, Publicações D. Quixote, 2005

Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia; *Nótulas Biográficas*, Publicações da Universidade de Coimbra, 1986, 2.ª ed. revista e aumentada, Imprensa da Universidade, 2005

Passageiro em Trânsito; *Novela em espiral ou o romance de um ponto a que se vai sempre acrescentando mais um conto*, Editora Signo, Ponta Delgada, 1988; 2.ª ed. refundida, Salamandra, Lisboa, 1994

Emigração e Outros Temas Ilhéus; *Miscelânea*, Editora Signo, Ponta Delgada, 1992

A Descoberta da Cidade e Outras Histórias; *Contos*, Editora Signo, Ponta Delgada, 1992

Um Grito em Chamas; *Polifonia Romanesca*, Edições Salamandra, Lisboa, 1995, integrado no romance *Marilha*.

Relação de Bordo (1964 -1988); diário ou nem tanto ou talvez muito mais (Grande Prémio da Literatura Biográfica da APE / CMP), Campo das Letras, 1999

Relação de Bordo II (1989-92); diário ou nem tanto ou talvez muito mais, Campo das Letras, 2000

Relação de Bordo III, diário ou nem tanto ou talvez muito mais, P. D. Quixote, 2004

Trasfega, casos e contos, Prémio Miguel Torga / Cidade de Coimbra, 2002

Marilha, sequência narrativa, D. Quixote, 2004

A Tabuada do Tempo, Prémio Miguel Torga, Almedina, 2006

Miguel Torga – O Lavrador das Letras – Um percurso partilhado, Almedina 2007

Brço Tatuado – Retalhos da Guerra Colonial, D. Quixote, 2008

Tradução: *A RIQUEZA DAS NAÇÕES, ADAM SMITH; FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, 1982*

Colaboração:

Vietname; *Antologia Poética*, Nova Realidade, 1970

Antologia de Poesia Açoriana; org. por Pedro da Silveira, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1977

Para o Mundo de todos os Homens; *Pequena Antologia de Poesia de Autores Portugueses contra o Racismo e Colonialismo*, Conselho Português para a Paz e Cooperação, 1977

Antologia Panorâmica do Conto Açoriano; Organizada por João de Melo, Vega, Lisboa, 1978

O Eclipse; Extrato de Romance, Revista *Vértice*, 448, Maio - Junho de 1982 (Número dedicado à Cultura Açoriana, organizado pelo Autor)

The Sea Within; *A Selection of Azorean Poems*, Gávea-Brown, Providence, 1983

^{xv} Presságio cordões umbilicais curiosos. Criamos os sulcos que trilhamos percorrendo as savanas e estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos embargavam a escrita e nos dispersavam. Plantámos árvores, publicámos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal. *Cumprimos missões inomináveis no exército colonial português. em Mafra, Tomar e Leiria. Cristóvão entrou para o Teatro Universitário em Coimbra e eu para o Teatro Universitário do Porto quando me insinuava como jovem independente pensante, batalhando com Zeca Afonso, mestre José Rodrigues e um dos melhores declamadores de sempre, o Mário Viegas*. Em Coimbra, o ilhéu Cristóvão lidou com Paulo Quintela, Miguel Torga, Luís Albuquerque, Joaquim Namorado e outros monstros sagrados do nosso imaginário.

